

ANDERSON LUPO NUNES
A Importância da Maçonaria na criação de um Estado Laico

FERNANDO DA SILVA MAGALHÃES
O RITO MODERNO OU FRANCÊS:
Novas concepções iluministas para uma epistemologia maçônica

SILVA; PINA Jr.; FERREIRA
O Ritual dos Maçons Elus Cohen do Universo

KENNYO ISMAIL
A Maçonaria Cubana vista de perto

LUIZ FRANKLIN DE MATTOS SILVA
O LÍDER MAÇOM (review)

FRANCISCO FEITOSA
Senior DeMolay é empossado Membro Efetivo do Supremo Conselho do Grau 33 (news)

SUPREMO GRANDE CAPÍTULO DE MÂCONS DO REAL ARCO DO BRASIL
York Rite in Pernambuco—2015 (report)



Realização:

**Associação
YORK RIO**

Apoio:



Missão:

Desenvolver e promover estudos e pesquisas sobre Maçonaria e Fraternidades em geral, com foco em História e Ciências Sociais. Sua dimensão internacional busca promover maior intercâmbio entre pesquisadores de diferentes culturas, saberes e formação, acessando outros níveis de realidade e contribuindo para o enriquecimento de nosso conhecimento numa proposta transdisciplinar.

Dados Catalográficos:

ISSN 2318-3462

Janeiro a Abril de 2015.

Volume 02.

Número 01.

Periodicidade:

Trimestral

Conselho Editorial

Luiz Franklin de Mattos Silva (Editor-Chefe)

Antônio Alberto de Jesus de Pina Júnior

José Roberto Coutinho

Rogério Bittencourt de Miranda

Anderson Lupo Nunes

Kennyo Ismail

Contato

Editor-Chefe: editor@finp.com.br

Supor te Técnico: suporte@finp.com.br

Portal: www.fraternitasinpraxis.com.br

Contato geral: contato@finp.com.br

Parceiros Institucionais:

Associação YORK RIO

Grande Oriente Independente do Rio de Janeiro



Ilustração da Capa:

Anderson Pinto Verçosa Simões, 33°

Primeiro Membro Efetivo Senior DeMolay no Brasil.

Fonte: http://www.sc33.org.br/documents/curriculum/images/member-sc33-031_full.jpg

Aviso:

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões neles emitidas não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Revista Fraternitas in Praxis—FinP.

Sumário

Prefácio	5-6
A Importância da Maçonaria na criação de um Estado Laico ANDERSON LUPO NUNES	7-11
O RITO MODERNO OU FRANCÊS: Novas concepções iluministas para uma epistemologia maçônica FERNANDO DA SILVA MAGALHÃES	13-19
O Ritual dos Maçons Elus Cohen do Universo SILVA; PINA Jr.; FERREIRA	20-32
A Maçonaria Cubana vista de perto KENNYO ISMAIL	33-38
O Líder Maçom (resenha) LUIZ FRANKLIN DE MATTOS SILVA	39-40
Senior DeMolay é empossado Membro Efetivo do Supremo Conselho do Grau 33 (notícia) FRANCISCO FEITOSA	41-42
York Rite in Pernambuco—2014 (evento) SUPREMO GRANDE CAPÍTULO DE MAÇONS DO REAL ARCO DO BRASIL	43-44

Apresentação

NOVO ANO, NOVOS DESAFIOS

A revista Fraternitas in Praxis completa dois anos de existência e, atendendo diversas solicitações, abre seu campo de atuação permitindo o envio de artigos sobre Martinismo, Tradição Ocidental e Oriental, Rosacrucianismo, Templários, Igrejas Gnósticas, além dos artigos sobre maçonaria.

Neste primeiro exemplar do segundo volume, o físico Anderson Lupo Nunes, nos fala da IMPORTÂNCIA DA MAÇONARIA NA CRIAÇÃO DE UM ESTADO LAICO, tema tão atual no Brasil hoje, ressaltando que a Maçonaria promove o direito universal do ser humano professar a religião que bem entender. Em uma Loja Maçônica não existem discussões religiosas porque a liberdade de cada irmão ter a sua escolha religiosa é respeitada.

O educador Fernando da Silva Magalhães nos brinda com um artigo intitulado O RITO MODERNO OU FRANCÊS: Novas concepções iluministas para uma epistemologia maçônica, com seu aspecto multidisciplinar, apresenta do ponto de vista histórico, uma cronologia da gênese e estruturação do Rito Francês ou Moderno; caracterizando-o, no campo da Filosofia, pela associação de seu ideário iluminista setecentista às correntes filosóficas francesas contemporâneas. Busca-se assim, definir, então no âmbito da Educação, sua epistemologia e seus objetivos pedagógicos no seio da maçonaria do século XXI.

O artigo sobre RITUAL DOS MAÇONS DO ELUS COHEN DO UNIVERSO da autoria de Luiz Franklin Silva, Antônio Pina Júnior e Eduardo Cesar Ferreira apresenta as principais características do Ritual estabelecido por Martinéz de Pasqually, desenvolvido em bases maçônicas, mas com fortes elementos de magia e

teurgia, que buscava a reintegração dos seres com as hostes angélicas.

A MAÇONARIA CUBANA VISTA DE PERTO de Kenyo Ismail, apresenta um breve histórico do desenvolvimento maçônico em Cuba, fatos relevantes ocorridos na Maçonaria Cubana nos últimos anos, bem como um panorama de como é e funciona a Maçonaria Cubana, e como visita-la.

A Resenha deste número é sobre o livro O LÍDER MAÇOM: Como a Maçonaria tem formado líderes nos últimos séculos e colaborado para a felicidade da humanidade. Trata-se da mais nova obra do autor Kenyo Ismail, MSc., MI, MRA, PSS, KT, KTP, HP, GM Adj. dos Maçons Crípticos do Brasil, membro da Academia Maçônica de Letras do DF, da Philalethes Society e da Masonic Society, que anteriormente publicou “Desmistificando a Maçonaria” pela Universo dos Livros (2012).

Destacamos como notícia um fato histórico onde um SENIOR DeMOLAY É EMPOSSADO MEMBRO EFETIVO DO SUPREMO CONSELHO 33. Foi na tarde do dia 23 de setembro de 2014, que se realizou a cerimônia de Coroação de três novos Membros Efetivos, Antonio Luiz Corrêa, 33º, Manif Antonio Torres Julio, 33º e Anderson Pinto Ver-çosa Simões, 33º, este um DeMolay do Capítulo Rio de Janeiro, o nº 01 do Brasil..

Na sessão de Relato de Evento, abordamos o York Rite in Pernambuco—2014, onde a emoção falou mais alto para mais de três centenas de Maçons ao final da recepção da Ordem de Malta, reunidos para o evento York Rite in Pernambuco. O Comandante das Comanderias Subordinadas ao Grand Encampment of Knights Templar, Sir Edward Trosin, quando agradeceu a recepção que receberam, ele e Sir Lawrence E. Tucker, Grand Recorder, declarou que

acabara de receber uma comunicação do Mui Emínte Grão-Mestre, Sir Knight David Dixon Goodwin, de que tinha sido concedida a dispensa para a Grande Comanderia de Cavaleiros Templários do Brasil!

Esperamos que a leitura dessas páginas seja algo agradável e instigante frente a tantos temas que nos cercam no campo das Ordens Iniciáticas.

Boas leituras e até breve!

Luiz Franklin de Mattos Silva

Editor-Chefe

contato@finp.com.br

A IMPORTÂNCIA DA MAÇONARIA NA CRIAÇÃO DE UM ESTADO LAICO

Autor: *Anderson Lupo Nunes*¹

Resumo

O Maçom deve sempre depositar sua confiança em Deus, logo, não existe Maçom de verdade que seja ateu. Logo, a Maçonaria promove o direito universal do ser humano professar a religião que bem entender. Em uma Loja Maçônica não existem discussões religiosas porque a liberdade de cada irmão ter a sua escolha religiosa é respeitada. Um breve relato da relação da Maçonaria com diferentes religiões e sua participação na criação do Brasil como um Estado Laico é apresentado.

Palavras-chave: Maçonaria; Religião; Estado laico.

Abstract

Freemason should always put your trust in God, so there is no real freemason is atheist. Thus, Freemasonry promotes universal human right to profess the religion he wants. In a Masonic Lodge no religious discussions because the freedom of each brother had his religious choice is respected. A brief account of the relationship of Freemasonry with different religions and its participation in the creation of Brazil as a secular state is displayed.

Keywords: Freemasonry; Religion; Secular state.

¹ Anderson Lupo Nunes possui graduação em Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2003) e mestrado em Engenharia Nuclear pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006). Tem experiência na área de Engenharia Nuclear, com ênfase em Núcleo do Reator, atuando principalmente nos seguintes temas: equações da cinética pontual, método de confinamento da rigidez e métodos numéricos. Atua também na área de Ensino de Física e de Eletrônica. É Mestre Maçom da ARLS de Pesquisas Rio de Janeiro No. 54—GOIRJ/COMAB. E-mail: anderson.nunes@ifrj.edu.br

Introdução

O Maçom deve sempre depositar sua confiança em Deus, logo, não existe Maçom de verdade que seja ateu. Na constituição do reverendo James Anderson, pastor presbiteriano e M.:M.:, que determina as regras universais da Maçonaria, chamadas de *landmarks*, consta um artigo específico sobre Deus e Religião.

Um Maçom é obrigado, por dever de ofício, a obedecer a Lei Moral; e se ele compreende corretamente a Arte, nunca será um estúpido ateu nem um libertino irreligioso. Muito embora em tempos antigos os Maçons fossem obrigados em cada País a adotar a religião daquele País ou nação, qualquer que ela fosse, hoje se pensa mais acertado somente obrigá-los a adotar aquela religião com a qual todos os homens concordam, guardando suas opiniões particulares para si próprios, isto é, serem homens bons e leais, ou homens de honra e honestidade, qualquer que seja a denominação ou convicção que os possam distinguir; por isso a Maçonaria se torna um centro da união e um meio de conciliar uma verdadeira amizade entre pessoas que de outra forma permaneceriam em perpétua distância (ANDERSON, 2003).

A Constituição de Anderson foi publicada pela primeira vez no ano de 1723 em Londres, uma época de muita perseguição religiosa. Apesar disso, determina que o Maçom não deva aceitar de maneira imposta a religião do País, qualquer que seja, devendo guardar sua opinião para si mesmo. De maneira tímida, convenhamos, está o germe de uma grande ideia sonhada e conquistada pelos Maçons, a criação de um Estado laico.

Como não é religiosa, a Maçonaria aceita em seus quadros profanos oriundos de diversas religiões. Segundo Ismail (2012), quando se faz uma oração no altar da Franco-Maçonaria, estão presentes irmãos de diversas religiões, logo estão todos orando para o

mesmo Deus. Está evidente que a Maçonaria considera que todas as religiões se originam de um Deus único. As diversas denominações religiosas não implicam deuses diferentes, apenas formas diferentes de conceber o mesmo Deus. Se eu sou espírita e o meu irmão é evangélico somos todos filhos do mesmo Pai, logo, somos irmãos.

Talvez tenha sido o seu caráter ecumênico que despertou por parte da cúria romana a intenção de coibir o crescimento da Maçonaria. Foi publicada em 1738 a encíclica *In Eminentia Apostolatus Specula*, pelo papa Clemente XII que proíbe a existência da Maçonaria. Segundo Durão (2011), foi o cardeal Neri Corsini, sobrinho do papa, que elaborou a encíclica, pois o Clemente XII já estava com 86 anos e cego. Contam historiadores que Corsini levava os documentos para a chancela de sua santidade e colocava a mão do pontífice no local da assinatura.

Em 1751, o sucessor de Clemente XII, o papa Bento XIV emitiu a bula *Providas Romanorum Portificum* enumerando seis razões para a condenação da Maçonaria. Dentre elas a que mais nos chama a atenção é “(...) nas tais sociedades e assembleias secretas, estão filiados indistintamente homens de todos os credos; daí ser evidente a resultante de um grande perigo para a pureza da religião católica;” (DURÃO, 2011).

É fato que a Maçonaria na sua fase operativa gozava de apoio e patrocínio da Igreja. Foram os maçons operativos os construtores das catedrais e Igrejas na Idade Média. Nossos antepassados estavam a serviço dos clérigos e eram portadores de salvo conduto para viajarem entre os feudos. A Maçonaria sempre conviveu harmoniosamente com os dirigentes religiosos (judeus, católicos, maometanos, protestantes) da fase operativa até o início da fase especulativa. A situação de conflito da Igreja com a Maçonaria persistiu com os papas Pio VII (em 1800), Leão XII (em 1823), Pio VIII (em 1829), etc. Várias bulas e encíclicas reafirmaram a condenação da Maçonaria ao longo dos séculos XIX e XX. Em 1983 a Congregação para a Doutrina da Fé, sob direção do então Cardeal Ratzinger manteve o parecer negativo a respeito da

Maçonaria, sendo chancelado pelo papa João Paulo II. (DURÃO, 2011)

Com o papa Paulo VI a postura do Vaticano relaxou consideravelmente e o católico tinha permissão para se tornar Maçom, desde que não se envolvesse em atividades anticlericais. Um arcebispo brasileiro, Cardeal Avelar Brandão Vilela chegou a celebrar uma missa especial em homenagem ao 40º aniversário da Loja Maçônica Liberdade, de Salvador, no Natal de 1975. Naquela oportunidade, o Cardeal foi agraciado com distinta honraria maçônica. (Cerinotti, 2004)

Atuação Maçônica: Liberdade e Religião

Quase todos os iluministas franceses eram maçons, incluindo Voltaire (1694-1778), Diderot (1713-1784) e Condorcet (1743-1794). Eles mantinham estreito contato com Benjamin Franklin (1706-1790), também maçom. Outros dos chamados pais fundadores dos Estados Unidos da América, George Washington (1732-1799) e Thomas Jefferson (1743-1823) igualmente eram maçons. A ideia e implementação do Estado laico veio de maçons. Foi Washington que presidiu à convenção que elaborou a Constituição Americana, a qual veio substituir os Artigos da Confederação e estabelecer a posição de Presidente, tornando-se o primeiro a ser eleito para o cargo (CERINOTTI, 2004).

Artigo I(1^aemenda) O Congresso não legislará no sentido de estabelecer uma religião, ou proibindo o livre exercício dos cultos; ou cerceando a liberdade de palavra, ou de imprensa, ou o direito do povo de se reunir pacificamente, e de dirigir ao Governo petições para a reparação de seus agravos.

No Brasil, a sua independência também foi arquitetada por maçons. Segundo Ismail (2012), foi na seção de 20 de agosto de 1822, do então Grande Oriente Brazílico, presidida por Gonçalves Ledo, que a Independência do Brasil foi aprovada, sobre a qual

D. Pedro (também maçom) deveria escolher: tornar-se imperador ou voltar para Portugal. Há controvérsias de diversos autores quanto a data precisa da reunião. Ismail (2012) conclui pelas evidências históricas que a data de 20 de agosto está incorreta.

De acordo com Souza (2007) a Questão Religiosa teve o seu início em 1872, com um incidente envolvendo a Maçonaria. O motivo foi a suspensão do padre Almeida Martins pelo bispo do Rio de Janeiro devido à sua participação em uma solenidade maçônica. Na época, o convívio entre católicos e maçons era uma coisa bastante comum no Brasil, e mesmo o Imperador Dom Pedro II (também maçom) tinha no rol de seus principais amigos e conselheiros políticos maçons que também eram católicos.

O bispo de Olinda, dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira, e o bispo do Pará dom Antônio de Macedo Costa, decidiram interditar aos maçons os sacramentos, inclusive extensivo aos filhos e esposas. Dom Pedro II baseado no regime de padroado determinou aos prelados que a interdição fosse suspensa, mas eles mantiveram suas posições e acabaram sendo presos e condenados a trabalhos forçados. O governo neste episódio usou dos direitos do padroado para manter o controle do aparelho eclesiástico. Para o governo, os bispos envolvidos infringiram o direito do padroado, no ato de interditar confrarias que tinham maçons como membros, bem como recusar os sacramentos aos maçons católicos.

A partir do incidente, D. Pedro II favoreceu a instalação de igrejas protestantes no Brasil. Na opinião de Leônio Basbaum (1957), a própria visão política e intelectual do governo imperial favorecera os ideais republicanos, bem como a implantação de um Estado laico. Daí, a questão política avança mais no Império, quando o Partido liberal e Republicano se unem em torno da criação da República, a qual veio consolidar embora que formal e juridicamente a separação da Igreja do Estado (SOUZA, 2007).

Na opinião de Vieira (1980) deve-se observar que no Brasil como em outras partes, a Maçonaria foi um dos grandes veículos da divulgação do liberalismo. Por esta razão, ela foi a causa ostensiva da luta

entre os bispos e a coroa (1872-1875) e do fortalecimento de uma ideologia de criação de um Estado laico.

A primeira Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, fundada em janeiro de 1865, foi a primeira designação protestante a ser oficialmente instalada no Brasil. Há registros bem mais antigos da presença dos calvinistas no Brasil, mas de maneira não oficial. Os maçons sempre apoiaram o Estado laico, mas ao mesmo tempo mantinham uma relação amistosa com o Império e a Igreja, pelo menos até a crise da Questão Religiosa (SOUZA, 2007).

Em 13 de janeiro de 1874, por ocasião da prisão do bispo de Olinda, por razão da Questão Religiosa, iniciou-se um movimento político popular, no qual se uniram protestantes, maçons, advogados e intelectuais, dirigidos por Tavares Bastos e Quintino Bocayúva para separar o Estado da Igreja (SOUZA, 2007).

O Espiritismo também possui relações históricas com a Maçonaria. Não há uma comprovação de que Allan Kardec (1804-1869) tenha sido maçom. Segundo Monteiro & Lefraise (2007), existe uma hipótese, não comprovada, de que Kardec tenha sido martinista. Léon Denis (1846-1927) era, de fato, maçom. Foi iniciado em 26 de outubro de 1868 na Loja Demófilos de Tours. Em menos de um ano Denis passou de A:M: a C:M: e um mês depois chegou a M:M:, o que era muito raro na época.

O primeiro Centro Espírita do Brasil, o Grupo Familiar de Espiritismo fundado em 17 de setembro de 1865 em Salvador, sob a presidência de Luiz Olympio Telles de Menezes contava com maçons em suas feiras. O registro oficial só veio ocorrer em 1874. Apesar de não serem encontrados registros que comprovem que Telles de Menezes era maçom, o estatuto do grupo baiano possui uma similaridade com o funcionamento de uma Loja Maçônica impressionante. Os membros efetivos possuíam três graus. Havia um pagamento estipulado na ocasião da passagem de grau. Veja o artigo 26 do seu estatuto:

Artigo 26º- Uma bolsa denominada Bolsa de Beneficência será apresentada em todas as seções quer magnas, quer particulares a cada membro de qualquer grau ou classe e a cada um dos visitantes para aí deporem uma diminuta quantia cujo produto, imediatamente verificado e declarado pelo Vigilante, ficará a cargo do Tesoureiro e será aplicado a atos de beneficência.

Vianna de Carvalho (1874-1926) foi um maçom e espírita brasileiro nascido no Ceará. Em Fortaleza, o apoio maçônico foi imprescindível para a organização e fundação do Centro Espírita Cearense em 1910. Quase todos os membros indicados por Vianna para compor a diretoria eram maçons. Júlio César Leal (1837-1897), um dos pioneiros espíritas do Brasil, foi convertido ao Espiritismo em uma Loja Maçônica, o qual era membro. Tornou-se presidente da Federação Espírita Brasileira. (MONTEIRO; LEFRAISE, 2007)

Conclusão

A Maçonaria promove o direito universal do ser humano professar a religião que bem entender. Em uma Loja Maçônica não existem discussões religiosas porque a liberdade de cada irmão ter a sua escolha religiosa é respeitada. Nas oficinas há irmãos candomblecistas, budistas, evangélicos, católicos, espíritas, umbandistas, muçulmanos, judeus e de demais credos que convivem em paz e harmonia, pois todos têm a certeza de que são filhos do mesmo Deus, independente de rótulos. Que um dia a Humanidade compreenda esse fato e que ninguém seja morto ou ofendido pela fé que professa, nem pela cor de sua pele, nem pela sua orientação sexual. Todos somos filhos de Deus e, como tal, herdeiros de sua Luz.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, James. tradução: Décio Cezaretti. *Constituição de Anderson, As Obrigações de um Pedreiro-*

livre. Publicado pela A.R.L.S.: Guatimozin, São Paulo, 2003.

BASBAUM, Leônico. *História Sincera da República*. Livraria São José, Rio de Janeiro, 1957.

CERINOTTI, Angela. Maçonaria: *A Descoberta de um Mundo Misterioso*. Editora Globo, São Paulo, 2004.

DURÃO, João Ferreira. Cavaleiros de Jesus: breve história do cristianismo. Ed. Madras, São Paulo, 2011.

ISMAIL, Kennyo. *Desmistificando a Maçonaria*. Universo dos Livros, São Paulo, 2012.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho; LEFRAISE, Armand. *Maçonaria e Espiritismo, encontros e desencontros*. Ed. Madras, São Paulo, 2007.

SOUZA, Mauro Ferreira de. *A Igreja e o Estado: uma análise da separação da Igreja Católica do Estado Brasileiro na Constituição de 1891*. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1980.

O RITO MODERNO OU FRANCÊS:

Novas concepções iluministas para uma epistemologia maçônica

Autor: *Fernando da Silva Magalhães*¹

Resumo

O presente artigo, multidisciplinar, apresenta do ponto de vista histórico, uma cronologia da gênese e estruturação do Rito Francês ou Moderno; caracterizando-o, no campo da Filosofia, pela associação de seu ideário iluminista setecentista às correntes filosóficas francesas contemporâneas. Busca-se assim, definir, então no âmbito da Educação, sua epistemologia e seus objetivos pedagógicos no seio da maçonaria do século XXI. Pensamento este aqui pautado, na área da Filosofia da Educação, nos conceitos do filósofo Gilles Deleuze, de rizoma e território, e que objetivam clarificar e atualizar a busca desta corrente de pensamento maçônico.

Palavras-chave: Maçonaria; Rito Moderno ou Francês; Iluminismo; Território; Rizoma.

Abstract

This article, multidisciplinary, presents the historical point of view, a chronology of the genesis and structure of the French or Modern Rite; characterizing it in the field of Philosophy, by the association of its eighteenth-century Enlightenment ideas to contemporary French philosophies. Search is thus set, then under the Education, its epistemology and its pedagogical aims within the twenty-first century Freemasonry. Thought this one guided in the area of Philosophy of Education, the concepts of the philosopher Gilles Deleuze, the rhizome and territory, and which aim to clarify and update the search of this Masonic school of thought.

Keywords: Freemasonry; Rite Modern or French; Enlightenment; Territory; Rhizome.

¹ Fernando da Silva Magalhães tem Doutorado em Educação pela UERJ (2013), Mestrado em Educação pela UFRJ (2009), e Bacharelado e licenciatura em História pela UFRJ (1990). É Mestre Instalado, membro da Loja Maçônica União e Tranquilidade No. 002 - GOB. E-mail: magallegal@ibest.com.br

Introdução

O papel do crítico é ao mesmo tempo reduzido e ampliado. Ampliado na medida em que todo mundo pode tornar-se crítico. Este foi o sonho das Luzes e, talvez o do fim do século XVII: Por que todo leitor não poderia ser capaz de criticar as obras, fora das instituições oficiais, das academias, dos sábios? É a querela dos Antigos e dos Modernos, na França, no fim do século XVII, que faz nascer a idéia segundo a qual cada leitor dispõe de uma legitimidade própria, do direito a um julgamento pessoal (CHARTIER, 1999, p. 17).

O Rito Moderno ou Francês foi criado em Paris no ano de 1761, instituído em 24 de dezembro de 1772 e proclamado em 09 de março de 1773, pelo Grande Oriente de França, sendo instalado solenemente em 22 de outubro de 1773. Na sua fundação, adotava as primeiras Constituições de Anderson, de 1723, e compunha-se apenas dos graus simbólicos de aprendiz, companheiro e mestre.

À época, a maçonaria, em transição para o modelo especulativo, passava por um período de instabilidade. A cada instante, criavam-se novos ritos e graus, sob influência das monarquias e seus múltiplos misticismos, que satisfaziam a vaidade dos que procuravam esta ordem e desfiguravam sua essência. Dessa forma, o Grande Oriente de França em sua gênese, busca harmonizar as múltiplas doutrinas em um único corpo filosófico; razão pela qual criou, em 1773, uma comissão de maçons para estudar os sistemas existentes e elaborar um rito composto do menor número possível de graus, mas que, ainda assim, contivesse em seu bojo a essência original dos ensinamentos maçônicos. Essa comissão, após três anos de estudos, recomendou manter apenas os três graus

simbólicos, o que causou oposição. O Rito de Perfeição ou de Heredom, por exemplo, já contava à época, com 25 graus. Diante dessa reação, em 1776, criou-se uma nova comissão com o mesmo fim, também malsucedida. O Grande Oriente instala então, em 1782, uma Câmara de Graus, cujas conclusões são acolhidas. Assim, em 1784, sob a coordenação de Roëttiers de Montaleau², criam-se os Regulamentos e os Estatutos do Grande Capítulo Geral de França. Este Grande Capítulo redige um Ritual próprio agrupando os diversos graus em sete, com a administração dos Capítulos que trabalhariam nos graus acima do terceiro ficando confiada a esta Câmara. Surge assim, em 1786, o original Rito Francês ou Moderno com sete graus, sendo os três primeiros simbólicos, também chamados de “azuis”, e os quatro graus (ou Ordens) subsequentes, filosóficos (GAGLIANONE, 2014).

Nascido do desejo de se criar uma unidade racional na diversidade de correntes de pensamento vigentes à época, o Rito Moderno é filho e herdeiro direto do pensamento iluminista, caracteristicamente antimonarquista, anticlerical e libertário; corolário de ideias que, três anos depois, em 1789, ocasionaram a Queda da Bastilha, evento emblemático que dá início à Revolução Francesa, à derrocada do sistema monárquico e inaugura a Era Contemporânea.

Embora criado sob moldes racionais, pautou inicialmente suas regras na primitiva Constituição de Anderson, deísta e tolerante no aspecto religioso.

Após a Revolução Francesa, em 21 de maio de 1799, o Grande Oriente de França e a Grande Loja Unida da Inglaterra redigem um tratado de união que vigora até 1815, quando a GLUI altera a Constituição de Anderson, tornando-a dogmática e impositiva, como se pode perceber nas citações dirigidas aos “ateus estúpidos” e aos “libertinos irreligiosos”, características que bem poderiam designar muitos dos maiores filósofos e pensadores da humanidade.

² Alexander-Louis Roëttiers de Montaleau (1748-1807); ourives, medalhista e gravador de moedas do rei, auditor da Câmara contábil e diretor da casa da Moeda, em Paris. Presidiu a Câmara dos Graus do Grande Oriente de França entre 1799 e 1802. Herdeiro de considerável fortuna e um título de marquês concedido a seu pai, ainda assim, aderiu às novas ideias e demonstrou simpatia pela Revolução. Mesmo assim, foi preso durante o Terror, por esconder os arquivos da obediência. Por esta atitude, é personagem-chave da história da maçonaria francesa.

Assim, em 1877 vem a ruptura definitiva entre as duas potências, quando o GODF exclui de seus estatutos a obrigatoriedade da crença em Deus e na imortalidade da alma como reconhecimento de um homem como maçom.

Coerente com esta linha de pensamento, e, talvez por causa disso, considerado o condutor da Maçonaria do 3º Milênio; o Rito Moderno dá ao maçom o direito de pensar com irrestrita liberdade, o dever de trabalhar para o bem-estar social e econômico do cidadão, e a capacidade de defender os direitos naturais e sociais do homem, seja de qualquer cultura ou nacionalidade ao redor do planeta. Este humanismo explícito, muitas vezes atrita-se com o status quo social, do qual a religião é um de seus pináculos básicos.

O Rito Moderno não considera a Maçonaria como uma ordem mística, embora seus três primeiros graus em parte o sejam, baseados que estão no pensamento judaico-cristão. Ainda assim, o maçom do Rito Moderno é naturalmente científico, laico e, portanto, pedagogicamente mais afeito à forma do aprendizado do que ao seu conteúdo. Entende que a busca da verdade realiza-se no Grau de Aprendiz pela intuição, no Grau de Companheiro através da análise e culmina no Grau de Mestre pelo desenvolvimento da capacidade de síntese, num processo lógico-racional baseado no pensamento científico contemporâneo.

Os padrões de conduta do Rito Moderno são racionais e cartesianos, enriquecidos na contemporaneidade, por um Humanismo essencialmente democrático e plural; características fundamentais para a coexistência em um mundo globalizado.

Em 1822, o Grande Oriente do Brasil é fundado sob a égide do Rito Moderno, visto que, em

1802, Hipólito José da Costa trouxe de Londres e de Paris a Carta-Patente regularizadora do funcionamento do Grande Oriente Lusitano na então colônia brasileira. Sendo este, como todo Grande Oriente, praticante do Rito Francês, o GOB herda o Rito Moderno da metrópole lusa, conduzindo e irradiando a chama iluminista, emancipadora e libertária até os dias atuais.

Novas concepções iluministas: uma epistemologia maçônica

O poeta, dramaturgo e ensaísta William Butler Yeats (1865-1939), foi o ícone de uma geração de poetas simbolistas que marcou a literatura mundial no início do século XX. Emblemático representante único de uma renascença irlandesa, em seus escritos recheados de fadas e fantasmas expressou uma ideologia que marcou a sua época.³ Em sua obra, “Ensaios e Introdução” (1961), arrolou seus principais pressupostos, que moldaram seu trabalho:

Eu creio na prática e na filosofia do que concordamos chamar de Magia, no que eu posso chamar de invocação de espíritos. Nas visões da verdade, jacentes nas profundezas da mente quando os olhos estão fechados; e eu acredito em três doutrinas:

Que as fronteiras da mente estão sempre se deslocando e que muitas mentes podem derramar-se dentro de uma outra, e criar ou revelar uma única mente, uma única energia;

Que as fronteiras de nossas memórias se deslocam e que nossas memórias são parte de uma grande memória, a memória da própria natureza;

³ Yeats, mais do que meramente religioso, era um homem supersticioso, com um interesse acrítico por tudo que fosse mais ou menos esotérico, das grandes religiões orientais a histórias de fantasmas, passando pela teosofia de Blavatsky, alquimia e magia (foi membro, entre outras, da Sociedade Hermética de Dublin, da Ordem da Aurora Dourada e da Segunda Ordem da Rosa de Ouro; onde se praticavam o tarô, a "clarividência" e a projeção astral. Antecipa, de certa forma, o irracionalismo militante (incluindo o modismo dos vários orientalismos) que se tornaria uma tendência crescente na cultura ocidental a partir dos anos 60. O que o distingue, é o que faz com a matéria cultural de que se alimenta: alguns dos poemas mais sublimes da língua inglesa.

Que esta grande mente e esta grande memória podem ser evocadas por símbolos.⁴

Muito semelhante ao pressuposto preconizado pela pedagogia maçônica do rito moderno, baseada na formação de um homem aproximado aos ideais iluministas de um culto à Natureza, à investigação e à Razão, e no estudo dos símbolos; Yeats é um dos muitos exemplos de como gerações de escritores, filósofos e pensadores reescreveram no século XX a aventura iluminista ao longo do tempo, oficialmente inaugurada nos séculos XVII e XVIII na Europa anglo-saxônica e francesa, principalmente.

O que pretendemos desenvolver neste estudo é a hipótese de que os ideais iluministas preconizados pelos maçons franceses de então transmutaram-se em novos pressupostos, ainda em intenso uso na contemporaneidade por novos pensadores como Gilles Deleuze (1925-1995), entre outros, na ampliação de um rizoma⁵ histórico-filosófico de direções inesperadas, mas possíveis de serem mapeadas e interpretadas nas suas similitudes.

Para Deleuze, a filosofia é criação de conceitos. Menos do que platonicamente fazer perguntas, é propor alternativas, levantar questões, posicionar, no cenário filosófico, novas categorias.

Correntes minoritárias de pensamento nos oferecem oportunidades de pensar em transformações inesperadas pelo senso comum. Ser um animal, por exemplo, segundo o pensamento deleuzeano, significa ter e habitar uma natureza e um mundo unicamente seu, diferente da humanização simplificante da categoria humana. Na diversidade rizomática do universo, animais simples como o carapato representam em uma existência mínima, o que é uma vida de qualidade concentrada em poucos e profundos instintos básicos. Ter um mundo e viver em um mundo construído todo em e por estímulos interessantes por serem muito reduzidos, básicos e simples em sua natureza. No animal, dois ou três atos geram um mundo todo e completo em si. O animal ilustrado deleuzeano faz Arte e cria território.⁶

Tais procedimentos caracterizam, por exemplo, um escritor como Yeats. Para além de posturas convencionais, suas posturas animais de territorialização, a espreita enquanto arte, representa uma característica do maçom-pensador do rito moderno, inspirado no mundo animalizado. Em suas linhas de fuga do institucional, ao buscar a liberdade absoluta de pensamento, Deleuze, assim como Yeats, procura o que pode romper a dominação do óbvio, encontrando no inédito um outro mundo; um novo mundo

⁴ YEATS, W.B. *The autobiography of William Butler Yeats*. N. York, Macmillan, 1957. apud. EBON, Martin. Eles conheceram o desconhecido. São Paulo: Pensamento, 1977.

⁵ Rizoma é um modelo descritivo ou epistemológico na teoria filosófica de Gilles Deleuze e Félix Guattari. A noção de rizoma foi adotada da estrutura de algumas plantas cujos brotos podem ramificar-se em qualquer ponto, assim como engrossar e transformar-se em um bulbo ou tubérculo; o rizoma da botânica, que tanto pode funcionar como raiz, talo ou ramo, independente de sua localização na figura da planta, servindo para exemplificar um sistema epistemológico onde não há raízes; ou seja, proposições ou afirmações mais fundamentais do que outras; que se ramifiquem segundo dicotomias estritas. Deleuze e Guattari sustentam o que, na tradição anglo-saxã da filosofia da ciência, costumou-se chamar de antifundamentalismo: a estrutura do conhecimento não deriva, por meios lógicos, de um conjunto de princípios primeiros, mas sim elabora-se simultaneamente, a partir de todos os pontos sob a influência de diferentes observações e conceitualizações. Isto não implica que uma estrutura rizomática seja necessariamente flexível ou instável, porém exige que qualquer modelo de ordem possa ser modificado.

⁶ Ao utilizar o conceito deleuziano de Território e Desterritorialização, pretendemos nos concentrar no sentido relacionado às questões físicas e antropológicas da humanidade. Não a um território geográfico, mas sim ao que tange ao próprio homem enquanto espécie, deixando o seu território natural, saindo da sua “floresta” e entrando na sua “cidade”. “O homem é um animal se despojando da espécie” (DELEUZE, 1955). Se observarmos a natureza com um pouco de atenção, perceberemos que embora tenhamos distanciado daquele território original, ainda estamos envolvidos com a nossa “essência” desta natureza. Este processo de desterritorialização e reterritorialização, quando mais lento, era provavelmente menos sofrido ou traumático, pois a lentidão milenar é algo totalmente diferente deste novo processo pelo qual passa a humanidade; um processo em aceleração progressiva, não mais milenar. Há algum tempo passou a ser secular e agora estamos “transformando-nos” em décadas e quem sabe apenas a cada novo ano.

que, apesar de avesso às teologias, vai além do racional.

Animais emitem símbolos e não param de fazer isso. Assim como os escritores que não escrevem exclusivamente para certos leitores. Eles escrevem no lugar de. Emitem códigos para uma posteridade de analfabetos, especialistas, técnicos, idiotas, gênios e outros animais muito diferentes dele, expandindo o rizoma sem fim das representações.

É o caminho para a utopia da escrita de uma História Universal. Tudo é, basicamente, assim como a ânsia de sangue do carrapato, baseado em diferença e repetição, e como se pode dosar isso. “Repetir, repetir, até ficar diferente”, dizia o poeta Manoel de Barros.⁷ A repetição, quando livre e complexa, gera a diferença. Uma nova maneira de se interpretar o livre-pensar iluminista. A leitura do ritual, pelo menos no que toca ao Rito Moderno, não pode se dar como mera aula de teoria; um cubo de pensamento jogado no espaço-tempo. Para Deleuze, assemelhando-se aos maçons iluministas, é preciso partear, gerar a aula, emprender dela; impregnar-se, ensaiá-la e exercitá-la para todo tipo de público e de discurso. Universalizá-la. Pensamento e ação integrados. Ambição ilustrada. Deleuze, assim como os novos iluministas do século XXI, pensa em línguas de múltiplas tribos, e não apenas a filosófica ou a histórica.

Imanência-problema-conceito. Eis a fórmula do novo plano de pensamento iluminista.

Não existe conteúdo novo sem expressões

novas. Filosofia é criação de conceitos. Para Deleuze, o conceito não é uma definição; é sim, imanente, inseparável do objeto. Criar imanentemente requer um plano conceitual arbóreo.⁸ Conceito é criar e organizar um novo pensamento, associando acontecimentos para pensar novos problemas.

A epistemologia maçônica segundo Deleuze é rizoma ou árvore? A resposta seria, para além da análise da ordem maçônica, na sua conformação na atualidade, buscar entender a epistemologia que lhe dá fundamento. Os iluministas franceses, do rito moderno principalmente, assim como Deleuze, entendiam que na Natureza estariam os signos mais representativos do plano de pensar a categoria humana. Enfim, a transmutação do antigo para um novo Humanismo.

A questão que aqui se levanta agora é: Este novo humanismo é arbóreo ou rizomático?

Para Deleuze, é expansão e conectividade puras. A árvore, por outro lado, tem forma e sentido. Começa num ponto e prossegue linearmente até um ponto futuro. A Maçonaria enquanto práxis de uma sociedade de conhecimento expande-se pelo mundo em agenciamentos coletivos que criam inusitadas e imprevisíveis associações de relações humanas. Ao mesmo tempo em que a Ordem se expande no Brasil, ela se retrai na Holanda, na Guiné ou no Haiti. Nesse aspecto, é puramente rizomática. Signo e tese se aliam num agenciamento único, que tem a capacidade de penetrar no pensamento universal, em todas as culturas do planeta; sem idealismos cerceantes arbóreos do tipo de conceito dentro-fora, por exemplo. A

⁷ BARROS, Manoel de. *O livro das Ignorâncias*. 2^ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993. pág 13. Toda repetição é uma celebração das formas finitas e transitórias. Para cada aparição, a surpresa de um desvelamento, uma notação diferente que se dissolve no instante, de modo que não podemos afirmar que o objeto é sempre o mesmo, idêntico. A incompletude é o que determina o retorno para dar continuidade e recomeçar mais uma vez. Por ser inacabada, a ação de pensar, por exemplo, pode recomeçar de qualquer ponto, numa agitação aleatória sem tempo para terminar. Dessa forma, expõe-se a precariedade dos pontos de referência: o início, o meio e o fim. O duplo rasura a ilusória coerência da unidade, esse pilar que sustenta nossas arrogâncias religiosas e filosóficas.

⁸ Conceitualizado por Deleuze, o modelo de pensamento arbóreo é o oposto do rizoma. Em um modelo arbóreo de organização do conhecimento, como as classificações das ciências, o que é afirmado dos elementos de maior nível é necessariamente verdadeiro também para os elementos subordinados, mas o contrário não é válido; já em um modelo rizomático, qualquer afirmação que incida sobre algum elemento poderá também incidir sobre outros elementos da estrutura, sem importar sua posição recíproca. O rizoma carece, portanto, de centro, característica que torna-o particularmente interessante na filosofia da ciência, e também para a semiótica e as teorias da comunicação contemporâneas.

maçonaria é uma e múltipla ao mesmo tempo; integra à Humanidade e à parte, ao mesmo tempo, conquistando e desterritorializando espaços.

Curiosamente, penso que o cerne da epistemologia maçônica é arbóreo, ao estipular e tentar manter juramentos a Landmarks antigos e imutáveis ao longo dos séculos. Das multiplicidades humanas exalou o múltiplo regimento que caracteriza os estatutos que conformam os códigos de conduta da árvore maçônica.

As falsas multiplicidades arbóreas no entanto, são expostas pela real multiplicidade rizomática. A ocupação dos territórios se dá pela expansão de linhas de fuga múltiplas. Desterritorialização e territorialização de novos espaços, configurados em pessoas de todas as raças, credos, lugares e culturas, a maçonaria configura-se em sua expansão como máquina de guerra deleuzeana, pois desterritorializa o Estado em sua macro política e se opõe às suas intenções imediatas, humanizando o que era meramente estatal.

O novo iluminismo do rito moderno, portanto, anuncia-se e caracteriza-se por sua tolerância e uma forte crença no combate às idéias arbóreas fanatizantes, que vão contra a construção de uma sociedade global baseada na ilustração e avessa a tiranos, sejam do clero, sejam da política menor; não como foi no passado, mas a partir da ação sobre mecanismos sociais e mentais mais profundos e muito mais elaborados.

Como no pretérito, o novo iluminismo revive a crença no progresso, mas, a partir do pensamento deleuzeano, perde a ilusão de que este se dê de forma linear e automática, passando a entendê-lo como contingente, e, a partir das ações do indivíduo consciente de sua significação; parte da filosofia maçônica que prega que o bem-estar de todos é o único modo de progresso humano e social relevante. Tal progresso neste caso, não é mera construção da técnica e da racionalidade puras, mas construção intencional e arbórea pela qual o homem decide o que se deve produzir na posteridade.

O iluminismo mantém sua fé na ciência, mas

percebe que ela deve ser socialmente controlada por meio de fins e valores emanados deste mesmo território humano esclarecido.

A epistemologia maçônica do rito moderno, ao resgatar um ideal de cosmopolitismo, carrega consigo a bandeira mais cara a doutrina dos direitos humanos, pleiteando para a devida territorialização e incorporação social destes pressupostos, profundas reformas sociais e políticas ao longo dos tempos para seu efetivo fluxo.

O novo iluminismo conforme entendido pelo rito moderno continua a combater os ilegítimos poderes, que se caracterizam, por não se adequar ao projeto acima exposto; mas não se ilude em perder-se em um infrutífero combate a um leviatã tirânico e despótico, pois percebe que este combate se dá molecularmente, na difusa rede estrutural de indivíduos que compõem a sociedade.

O exercício de uma razão plena, mas permeada por uma consciência dos efeitos rizomáticos deste exercício é a tarefa deste novo iluminismo.

Uma nova razão crítica intenta fazer a própria crítica dos limites dentro-fora de uma racionalidade consciente de sua coexistência com esferas de irracionalidade. Deve ainda, estabelecer princípios éticos; território onde entra a ordem epistemológica maçônica em âmbito geral; que busca, ao manter sua tradição de centro de união, vincular esse constructo à contemporaneidade, em solo social prenhe de novos significados produzidos pela multiplicidade dos sujeitos sociais; elaboradores e consumidores de argumentos críticos baseados em suas múltiplas motivações subjacentes que, arboreamente, devem ser adaptadas aos princípios maiores e generalizantes de uma sociedade que se pensa para todos; baseada na busca do esclarecimento, da justiça e da autonomia.

Para Deleuze, a filosofia não deve ser abstrata, exclusiva dos entendidos ou iniciados. Assim como os iniciados pela maçonaria, ele entende que compete aos estudiosos de qualquer área pintar retratos que abordem com respeito os conceitos filosóficos após anos de preparação.

Referências bibliográficas

Considerações finais

Entender o iluminismo do rito moderno na atual Maçonaria, como é, mais do que pregado, praticado, requer longa preparação, que este estudo incipiente apenas arranca ainda. Como em tudo o que se faz, é preciso trabalhar-lapidar constantemente e incom afincar a ideia, seja de um novo iluminismo, seja a de uma epistemologia maçônica ancorada na contemporaneidade. Entre esses pontos de fuga, ensaiamos encontrar algumas ligações com o pensamento filosófico deleuzeano: Um filósofo não é alguém que contempla e reflete. Um filósofo é alguém que cria. Cria conceitos, novas idéias que desterritorializam conceitos anteriores. O conceito novo deve ser tratado como dúvida humilde por longo tempo, como um cachorro em quem não se confia inicialmente, colocado à prova frente a outros conceitos para testar o seu valor.

Quando se afirma: Há um novo iluminismo vigorando, deve-se questionar em relação aos que não o crêem, pois só assim o conceito hipotético poderá se transmutar em idéia estabelecida. É ótimo que o conceito de um novo iluminismo e de uma precisa epistemologia maçônica nele baseada levante questões, pois só assim, trazendo e amalgamando questões de outros, o conceito se fortalecerá pelos embates.

Problemas levantados fortalecem os novos conceitos. Ulisses não seria o que foi sem os pretendentes à sua Penélope (H de História da Filosofia. In: O Abecedário de Gilles Deleuze. Pp. 43-51)

Por fim, existe um novo iluminismo? Há uma epistemologia maçônica a ser traduzida a partir do cabedal filosófico do rito moderno? Os problemas estão colocados. Espera-se que evoluam. Não há certezas, apenas questões; forças históricas e sociais se encarregarão de tratá-los no devir. Os problemas estão constituídos. Busquemos-lhes os sentidos. Busquemos a transcendência. Libertemos nossos pensamentos.

- ANTUNES, Álcio de Alencar. O Rito Moderno no Contexto da Maçonaria Universal. In: *Supremo Conselho do Rito Moderno. O Rito Francês ou Moderno: A Maçonaria do Terceiro Milênio*. Londrina, PR, Ed. Maçônica A Trolha, 1994
- BAPTISTA, Antonio Samuel. Rito Moderno: Uma Interpretação. In: *Supremo Conselho do Rito Moderno. O Rito Francês ou Moderno: A Maçonaria do Terceiro Milênio*. Londrina, PR, Ed. Maçônica A Trolha, 1994.
- BARROS, Manoel de. *O livro das Ignorâncias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª Ed., 1993.
- CASTELLANI, José. *Manual do Rito Moderno*. Editora A Gazeta Maçônica, 1991.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo, Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- DELEUZE, Gilles. Instintos e instituições. In: ESCOBAR, Carlos H (org.). *Dossier Deleuze*. Rio de Janeiro, Hólon, 1991.
- EBON, Martin. *Eles conheciam o desconhecido*. SP, Pensamento, 1977.
- GAGLIANONE, Paulo César. *Graus filosóficos do rito moderno ou francês; considerações históricas*. São Paulo, Gazeta Maçônica, 2ª Ed., 2014.
- WIKIPÉDIA. *Rito Moderno*. in: http://pt.wikipedia.org/wiki/Rito_Moderno Acesso em 26/07/2014.

- YEATS, W.B. *The autobiography of William Butler Yeats*. N. York, Macmillan, 1957.
- _____. *Essays and introduction*. New York, Macmillan, 1961. Acessado em 28.08.2014: <http://www.questia.com/library/643795/essays-and-introductions#/>

RITUAL DOS MAÇONS DO ELUS COHEN DO UNIVERSO

Autores: *Luiz Franklin de Mattos Silva*¹

*Antônio Alberto de Pina Júnior*²

*Eduardo Cesar Cândido Xavier Ferreira*³

Resumo

O presente artigo visa apresentar as principais características do Ritual estabelecido por Martínez de Pasqually na Ordem dos Elus Cohen do Universo, desenvolvido em bases maçônicas, com fortes elementos de magia e teurgia, que buscava a reintegração dos seres com as hostes angélicas. Perdendo-se a continuidade regular, reaparece em 1943 em Paris, durante a ocupação nazista e, em 1945 e 1946, essa sistematização é conferida por Lagresse a Robert Ambelain, "Sar Auriefer".

Palavras-chave: Elus Cohen; Magia; Teurgia; Pasqually; Martinismo.

Abstract

This article presents the main features of Ritual established by Martínez Pasqualis the Order of Elus Cohen of the Universe, developed in Masonic bases, with strong elements of magic and theurgy, which sought the reintegration of beings with the angelic hosts. Regular continuity losing himself, reappears in 1943 in Paris during the Nazi occupation and, in 1945 and 1946, this systematization is conferred by Lagresse Robert Ambelain, "Sar Auriefer".

Keywords: Elus Cohen; magic; Theurgy; Pasqually; Martinism.

¹ Mestre Instalado, MRA, SEM, KT, 32º REAA, Rosacruz, Martinista, Arcebispo da Igreja Templária Antiga. E-mail: franklinde-mattos@gmail.com

² Mestre Maçom, Rosacruz, Martinista, Bispo da Igreja Templária Antiga. E-mail: pinajunior@gmail.com

³ Mestre Maçom, MRA, SEM, KT, 10º REAA, Martinista, Rosacruz, Bispo da Igreja Templária Antiga. E-mail: eduardo.ccxf@gmail.com

Apresentação

Embora não seja o escopo deste artigo, precisamos abordar a complexa e não estruturada história das “origens da maçonaria”, uma vez que nesta época, as lojas maçônicas eram parecidas com simples confrarias de construtores e cortadores de pedra. Elas erguiam catedrais e castelos, tinham seus segredos de ofício e seus regulamentos internos (Old Charges) expostos em dois manuscritos principais: o Poema Regius (1380) e o Cooke (1410) (CAVALCANTE, 2012).

As origens da Maçonaria em sua fase atual, seja surgimento ou ressurgimento são extremamente complexas, contraditórias, confusas, muito fragmentadas e repletas de verdades individuais, repetidas aqui e acolá, tornando-se, muitas vezes, verdades institucionais quase dogmáticas.

Na Escócia, os Stuarts os protegiam e, a partir de 1600, isso lhes permitiu aceitar gentelmen- masons, tais como Boyle e Ashmole; o que acabou por transformar o espírito da confraria e introduziu preocupações esotéricas, herdadas dos movimentos da Renascença, entre eles os alquimistas, cabalistas, Rosacruzes, neoplatônicos etc. Paralelamente, as no- ções de humanismo, de tolerância e filantropia torna- ram-se ordem do dia nas lojas; perseguidas por Cromwell, elas contribuíram para a restauração dos Stu- arts (papel do general Monk), incitaram Charles II a promulgar sua Declaração de Indulgência (1672) e se multiplicaram por todo o Reino Unido.

Após a revolução de 1688, os jacobitas exilados importaram a maçonaria para o continente, principalmente na França (por exemplo, as lojas de Saint Germain e d'Aubigny onde foi iniciado, em 1737, o primeiro Grão Mestre francês). Os adeptos afluíram e como o recrutamento se fazia, sobretudo na aristocracia, os Escoceses no exílio acharam interessante constituir um grande número de altos graus, onde a lenda templária servia de cobertura para as aspirações do Pretendente e de seus artesãos. Após a derrota de Culloden, em 1745, os jacobitas deixaram de controlar as lojas, que evoluíram sozinhas em direção a um misticismo transcidente, como por exemplo,

(1) a Estrita Observância Templária no Norte da Alemanha, (2) os Eleitos Cohens em Lyon, (3) os Illuminados de Avignon e da Baviera, ou em direção ao liberalismo político do (4) Grande Oriente e (5) Grande Loja da França (STEVENSON, 2005).

Durante este tempo, a Inglaterra, orangista e mais tarde hanovriana, criava suas próprias oficinas, mais modestas; sendo reunidas em 1717 em uma só Obediência (federação de lojas) que foi, a partir de 1725 regida pelas Constituições de Anderson. Cabe-nos destacar que nem todas as Obediências da maçonaria especulativa, como por exemplo, o Pasqually, que nunca tocou nesse ponto e sempre ignorou tal constituição.

Maçonaria Especulativa e a Maçonaria Operativa

Ora, na França, a maçonaria tem três obediências principais: o Grande Oriente de França, a Grande Loja de França, a Grande Loja Nacional Francesa. O Grande Oriente, fundado em 1773 rompeu em 1877 com a Grande Loja Unida da Inglaterra e as obediências anglo-saxãs, visto que não exigia mais de seus membros a obrigação de crer em Deus. De tradição progressista, o Grande Oriente sempre teve influência sobre a vida política francesa. Atualmente possui cerca de 500 lojas e 30.000 membros. Ordem Maçônica Mista Internacional "Le Droit Humain" fundada em 1893, surgiu de uma separação da Grande Loja Simbólica Escocesa após a Loja Les Libres Pensseurs ter iniciado uma mulher, a feminista Maria Deraismes. Muitos maçons da época se juntaram e fundaram a Grande Loge Symbolique Ecossaise "Le Droit Humain". Onze anos depois foi fundado o Supremo Conselho do grau 33, mudando para o atual nome Ordem Maçônica Mista Internacional "Le Droit Humain". Conta com Lojas em 60 países e aproximadamente 28.000 membros. A Grande Loja de França, fundada em 1894, está bastante próxima o Grande Oriente, mas é mais espiritualista contando com aproximadamente 490 Lojas e cerca de 19.700 membros em 1990. A Grande Loja Nacional Francesa fundada em 1913 e reconhecida pela Grande Loja Unida da Inglaterra se dividiu em 1959 em Grande Loja Na-

cional Francesa Bineau com aproximadamente 700 lojas e cerca de 15.000 membros em 1990 e Grande Loja Tradicional e Simbólica Operativa cerca de 1.650 membros. É preciso, ainda, mencionar a Grande Loja Feminina de França fundada em 1945 com mais de 7200 Irmãs, a Grande Loja Independente e Soberana dos Ritos Unidos fundadas em 1976 e a Grande Loja Ecumênica Feminina do Oriente e Ocidente fundada em 1980. Na Bélgica, a principal obediência é o Grande Oriente, muito próxima do Grande Oriente de França, enquanto que na Suíça a Grande Loja Suíça Alpina se aproxima da maçonaria inglesa (DACHEZ, 2003).

Citamos o pequeno trecho de Kenryo Ismail do site No Esquadro:

O que exterminou a Maçonaria Operativa não foi a Especulativa, nem mesmo um processo de evolução cultural. O que pôs fim à Maçonaria Operativa foi... a Revolução Industrial. A mudança no processo produtivo, originada pelas invenções de máquinas e impulsionada pelo surgimento das indústrias, pôs fim à era de produção manual baseada nas guildas. O trabalho estritamente manual foi substituído pelo trabalho de controle de máquinas. A iniciativa inglesa rapidamente se espalhou pela Europa, promovendo um êxodo rural e o abandono dos ofícios artesanais e manuais para atender a demanda por mão-de-obra industrial. Ao fim do século XVIII, o maçom operativo não teve outra escolha a não ser se tornar operário fabril e trabalhar uma média de 80 horas por semana.

Muitos dos países europeus, preocupados em consolidar o novo modelo econômico, chegaram a adotar leis proibindo a Maçonaria Operativa. Esse foi o caso do famoso Ministro Turgot, da França, que determinou que:

“Proibimos todos os mestres e companheiros, operários e aprendizes do direito de formar associações, ou mesmo assembleias entre eles, sob qualquer pretexto. Em consequência, suprimimos todas as confrarias que possam ter sido estabelecidas tanto pelos mestres dos corpos e comunidades, como pelos companheiros e operários, das artes e ofícios” (Fonte: Recueil Général des Anciennes Lois Françaises. 1774-1776).

Leis como essa foram o tiro de misericórdia para as poucas Lojas Operativas que ainda tentavam sobreviver aos primeiros anos da Revolução Industrial. Dessa forma, a Maçonaria Operativa desapareceu de vez, ficando a Maçonaria Especulativa como única e legítima herdeira de sua essência, responsável por preservar e passar adiante seus ensinamentos.⁴

Martinez de Pasqually

Não podemos iniciar essa abordagem sem citarmos como referência Martinez Pasqually, cujo nome completo era Jacques de Livron Joachin de la Tour de la Casa Martinez de Pasqually.

Como a maioria dos grupamentos ocultistas do século XVIII, a sociedade secreta iniciática e mística fundada por Martines de Pasquallys tomou, desde sua constituição, a forma de um rito maçônico. Martinez foi um grande homem que tentou durante toda a sua vida, infundir a espiritualidade na Maçonaria.

Existem muitas versões sobre as origens de Pasqually, a ponta de existir um dose significativa de mistério, vários aspectos míticos e com dose se aspectos esotéricos e cabalísticos. Alguns afirmam ter nascido em 1727, na França. Seu pai tinha uma patente maçônica emitida por Charles Stuart, Rei da Escócia, Irlanda e Inglaterra, datada de 20 de maio de 1738, outorgando-lhe o cargo de Grande Mestre De-

⁴ Disponível em: <<http://www.noestudo.com.br/2012/03/historia-da-maconaria-para-adultos.html#sthash.1UpmXr9w.dpuf>>
Acessado em: 22 de agosto de 2014, às 14h32

legado, com autoridade para levantar novos templos e para transmitir a referida Carta Patente a seu filho primogênito, desaparecido durante revolução francesa. Atualmente escritos encontrados por Papus comprovam que seus sucessores na Ordem dos Elus Cohen tenham sido Caignet de Lestère, sucedido depois por Sébastien de Las Casas (RAMOS,2006)

A Doutrina de Pasqually e a Ordem dos Elus Cohen do Universo

A base do trabalho iniciático dos Elus Cohen era a reintegração do homem mediante a prática teúrgica. Essa Teurgia, em última instância, apoiava-se no relacionamento do homem com as hierarquias angélicas, única via, segundo Pasqually, para sua reconciliação com a Divindade.

Sua doutrina, cujo caráter cristão não deixa nenhuma dúvida, se apresenta como a chave de toda cosmogonia escatológica: Amadou (2011) Ambelain (1959), Baader (1900) e Papus (1976) nos permitem apresentar os postulados básicos:

Deus, a unidade principal, dá vontade própria aos seres “emanados” d’Ele. Mas Lúcifer, querendo exercer por si mesmo a potência criadora, cai vítima de sua própria falta, arrastando determinados espíritos em sua queda. Ele se encontra aprisionado na matéria, destinada por Deus para lhe servir de cárcere, visando sua evolução da matéria para o divino. O retorno ou a sua regeneração.

A divindade gerou um ser andrógino e em um corpo glorioso, dotado de poderes imensos: o Adão Kadmon. Mas ele pecou achando que poderia ter os mesmos poderes de deus. Por isso ele caiu desse paraíso para o mundo material convertendo-se em mortal fisicamente.

Ele não pode fazer outra coisa se não tentar elevar-se ou reintegrar-se ao mundo divino, transmutando-se a si mesmo e a matéria que o envolve. Mas isto só pode ser feito tendo o exemplo de Cristo, pela esforço constante da busca da perfeição interior e que é facilitada mediante operações teúrgicas que somente Martinez de Pasqually ensinava aos homens

de desejo que considerava dignos de receber a sua iniciação.

Fundamentadas em minucioso ritual, essas operações permitiam ao discípulo colocar-se em contato com as entidades angélicas, que se manifestavam na câmara teúrgica apresentando caracteres ou hieróglifos luminosos, que eram os sinais dos espíritos evocados pelo operador, de modo a comprovar a veracidade das manifestações e reforçar a senda da reintegração.

Essa doutrina prática e operativa era destinada a uma “elite espiritual”, reunida sob o nome de “Elus Cohen” (Sacerdotes Eleitos), conhecendo um grande êxito nos círculo esotéricos da época, mas as operações teúrgicas permaneceriam sempre reservadas. Até hoje pairam dúvidas sobre a autenticidade desses rituais.

De 1754 até sua morte, em 1774, Martinez de Pasqually trabalhou na construção de seu Templo Cohen, utilizando a Maçonaria como apoio ao seu próprio sistema. Até 1761 ele circulava por Montpellier, Paris, Lyon, Bordeaux, Marselha, Avignon. Nesse mesmo ano constrói seu Templo particular em Bordeaux, onde residiu até 1766. Nessa época, a Ordem dos Elus Cohen se apresentava como um sistema de altos graus, colocados por sobre os graus da Maçonaria Azul.

Após os três graus simbólicos, eram acrescentados o do Mestre Perfeito Eleito; em seguida temos os graus Cohen propriamente ditos: Aprendiz Cohen, Companheiro Cohen, Mestre Cohen, Grande Arquiteto, Cavaleiro do Oriente, Comandante do Oriente e, finalmente, o último dos graus, a suprema consagração, o de Réau-Croix.

Em 1766, em Paris, Martinez de Pasqually instrui a Bacon de Chevalerie e retorna a Bordeaux. Em 1768, Willermoz recebe a iniciação do grau Réau-Croix de Bacon de Chevalerie. Saint-Martin, iniciado nos primeiros graus em 1765, se torna Comandante do Oriente em 1768. Martinez de Pasqually deixa no futuro “Filósofo Desconhecido” uma magnífica impressão.

Nos anos de 1769 e 1770 multiplicam-se os grupos de Elus-Cohen por toda a França. Saint-Martin deixa, então, seu regimento, no início de 1771, para substituir ao lado de Pasqually, como seu secretário particular, substituindo nesse posto ao Abade Fournié. Data desta mesma época o aperfeiçoamento dos rituais, bem como a redação do livro "Tratado da Reintegração dos Seres", base doutrinal da teosofia e teurgia martinistas.

Em 1772, Saint-Martin recebe o grau de Réau-Croix, mas Martinez de Pasqually parte, no mesmo ano, para Santo Domingo [Haiti] a fim de receber uma herança, morrendo naquela cidade em 1774. Com sua morte a Ordem se desfaz. A partir de 1776 ne se integram à Grande Loja da França. Em 1777 as cerimônias parecem estar em desuso, conservando-se em apenas alguns cenáculos, como em Paris, Versalhes e outros.

Não se conhece muito das atividades maçônicas de Martinez de Pasqually. Mas existem registros de que instruiu maçons franceses de diversas Obediências, que vagavam de sistemas filosóficos em sistemas filosóficos, vivenciando os aspectos exteriores de Ritos Maçônicos. Promoveu um verdadeiro sistema de ensinamentos iniciáticos, suscetível e capaz de assumir aspectos de uma teologia, de uma cosmogonia, de uma gnose e de uma filosofia muito restrita nessa época (AMBELAIN, 1946).

Jean-Baptiste Willermoz

Willermoz iniciou-se na maçonaria em 1750 com 20 anos de idade e já em 1752 era Venerável Mestre de sua loja e um ano mais tarde fundou a sua loja "A Perfeita Amizade", onde permaneceu Venerável por oito anos. Em 21 de novembro de 1756 obteve a filiação de sua loja na Grande Loja da França.

Em 1760, com 30 anos de idade, fundou uma segunda loja: "Os verdadeiros Amigos", juntamente com o Venerável da sua primeira loja: "A Amizade", o Irmão Jacques Irenée Grandon. Com as três lojas agregadas ele funda então uma obediência. Em 04 de

maio de 1760 foi eleito presidente da "Grande Loja dos Mestres Regulares" de Lyon e com o Irmão Grandon recebeu do Conde de Clerment, o reconhecimento da Grande Loja da França com o direito de realização de estudos dos Altos Graus Escoceses.

Willermoz torna-se Grão Mestre da Grande Loja de Lyon em 1761 (aos 31 anos). Em 1764 juntamente com seu irmão Pierre-Jaques, funda "Capítulo dos Cavaleiros da Águia Negra", onde seleciona os mais aplicados irmãos das Lojas de Lyon. Neste período ele foi iniciado na "Ordem dos Cavaleiros Elus Cohen do Universo" ou "Ordem dos Cavaleiros Maçons, Sacerdotes Eleitos do Universo", complementava os tradicionais três graus maçônicos (Aprendiz, Companion e Mestre), com um sistema de Altos Graus que buscava a reintegração do homem mediante a prática teúrgica. Essa Teurgia era a de Pasqually.

Em face de uma dispersiva disparidade de Ritos e Sistemas Maçônicos na altura existentes Jean Baptiste Willermoz absorveu parte dos ensinamentos dos Elus Cohen, de seu Mestre Martinez de Pasqually. Associando-os com os ensinamentos maçônicos do Rito da Estrita Observância Templária, do Escocismo, e "mais suas próprias inspirações e sabedoria acumulada ao longo de toda uma vida dedicada a Maçonaria e lançou então as bases do R.E.R. - Rito Escocês Retificado - em plena época da Revolução Francesa, um Rito que reflete todas essas tendências" e em 1782, os ensinamentos de Martinès de Pasqually foram incorporados aos graus de Professor e de Grande Professo. (RAMOS, 2007)

Louis-Claude de Saint Martin

"O Filósofo Desconhecido" nasceu a 18 de janeiro de 1743 em Amboise, Touraine, no centro da França, no seio de uma família nobre, mas pouco abastada e desconhecida. Logo depois do nascimento de Saint-Martin, sua mãe faleceu, e ele foi criado pelo pai e por uma madrasta, pessoa amável e de bom coração, que o iniciou na leitura de Jacques Abbadie, ministro protestante de Genebra. Com esse autor, apreendeu a conhecer a si mesmo, relegando a um plano secundário a análise decepcionante dos filóso-

fos em voga na época.

Reiteramos aqui que a base de formação de Saint-Martin era a Ordem Elus-Cohen. Ele não fundou ou constituiu uma Ordem, mas algo semelhante a um Círculo de Íntimos. O Martinismo, contudo, não é uma extensão da Ordem dos Elus-Cohen, pois com o falecimento de Pasqually, em 1774, seus ensinamentos tomaram caminhos distintos, uma vez que os discípulos de Pasqually sobressaíram-se e impuseram orientações esotéricas específicas para o pensamento original de seu Mestre: Jean-Baptiste Willermoz (1730-1824) e Louis-Claude de Saint-Martin (1743-1803) conhecido sob o Nome Iniciático de Phil... Inc... (Philosophe Inconnu).

Ao descobrir os escritos de Jacob Boehme, aprende alemão para ler no original as obras deste Místico Cristão. Saint-Martin toma-o como seu segundo Mestre, se considerando inclusive “indigno de desatar-lhe as sandálias”. A sensibilidade narrativa de Boehme “trouxe a essência do puro cristianismo místico que varreu o Renascimento e influenciou pensadores pós-iluministas, principalmente devido à sua facilidade de entendimento, atingindo dos mais simples dos homens até as altas classes aristocráticas.” (MARQUES, 2013). É a partir dessa influência, conjungado com os ensinamentos de Martinez de Pasqually, que Saint-Martin desenvolve a via cardíaca.

Já Louis-Claude de Saint-Martin renunciou à Teurgia - senda externa segundo seu entendimento - em proveito da senda interna. Considerava a Teurgia perigosa e temerária, pois exigia uma forte disciplina e dedicação que poucos poderiam praticar. Reputava, igualmente, arriscada a invocação angelical quando operada pela via externa, que para que tivesse o efeito verdadeiro, o operador tinha de estar totalmente purificado. O caminho interior que Saint-Martin propunha era seguro, pois a alma se elevaria aos mundos angélicos e divino à medida que se purificava, evitando os riscos da via externa.

Apesar de ser um dos principais colaboradores de Pasqually, como dito anteriormente, Saint-Martin desaprovava suas práticas. Achava-as perigo-

sas e ultrapassadas. Acreditava que com o advento do Cristo o homem poderia ter acesso ao Reino Divino sem intermediários. Evocar ao invés de invocar. Dentro e não fora. Interior e não exterior. A ascensão interior é o caminho, e, nesse sentido, é no Coração do homem que tudo deve acontecer.

Saint-Martin optou pelas iniciações individuais, distanciando-se das práticas teúrgicas complexas e rituais maçônicos, aceitando mulheres e homens em condições de igualdade. Ele preferiu um caminho que intitulava de a “Via Cardíaca” e afirmava:

A única iniciação que prego e que procuro com todo o ardor de minha alma é aquela que nos permite entrar no coração de Deus e fazer entrar o coração de Deus em nós, para aí fazer um casamento indissolúvel, transformando-nos no amigo, irmão e esposa do Divino Reparador. Não existe outro mistério para chegar-se a essa santa iniciação a não ser este: penetrar cada vez mais nas profundezas de nosso ser até aflorar a viva e vivificante raiz; porque, então, todos os frutos que deveremos portar, segundo nossa espécie, irão se produzir naturalmente em nós e fora de nós, como aqueles que vemos nascer em nossas árvores terrestres, porque são aderentes à sua raiz particular e porque não cessam de sugar seu sumo (SCHAUER; CHUQUET, 1862).

As reuniões, reservadas aos membros muito espiritualizados, eram consagradas à oração coletiva. Os iniciados davam o nome de Filósofo Desconhecido ao ser invisível com o qual se comunicavam. Foi ele quem ditou, em parte, o livro Dos Erros e da Verdade de Saint-Martin, que somente adotou esse pseudônimo mais tarde, por ordem superior. A mais alta espiritualidade, a mais intensa submissão às vontades do Céu.

A Iniciação transmitida por Saint-Martin persistiu até o final do século XIX. Mas não foi ele próprio o fundador de uma associação com o nome

de Ordem Martinista. Havia, entretanto, uma Sociedade dos Íntimos (Círculo Íntimo) formada de discípulos que recebiam a Iniciação diretamente de Saint-Martin (AMBELAIN, op.cit). No final do século XIX, dois homens eram os depositários desse conhecimento e dessa Iniciação: Gérard Encausse e Pierre-Augustin Chaboseau. Foram esses dois homens que em 1888, decidiram transmitir a Iniciação de que eram depositários a alguns buscadores da verdade e fundaram a Ordem Martinista. É a partir dessa época que se pode efetivamente falar em uma espécie de Ordem Martinista.

Em 1891 a Ordem Martinista foi dotada de um Conselho Supremo, e Papus foi escolhido Grande Mestre da Ordem. O Coração do Martinismo fixou-se em Paris, e, imediatamente, foram criadas quatro Lojas: Esfinge, Hermanubis, Velleda e Sphinge. Cada uma com características específicas, mas todas fiéis ao pensamento de seu inspirador Louis-Claude de Saint-Martin.

Rito do Elus Cohen do Universo

Os Graus de Pórtico, (Aprendiz-Cohen, Companheiro-Cohen e Mestre-Cohen), continuaram a manter a característica maçônica externa. Todavia, eles eram entrelaçados com alusões, expressões, ensinamentos, enigmas e ambiguidades, destinados a fazer entrever a Doutrina secreta – cedo e por lampojos – reservada aos Graus superiores.

Com efeito, todos os regimes maçônicos acreditavam que era uma boa idéia intercalar em sua hierarquia um grau dito de "vingança". Lá, o candidato, aprende o destino reservado aos maus irmãos, aos maus companheiros, aos traidores e perjuradores. Ainda melhor, fazem-no viver – em uma espécie de jogo simbólico, o "Mistério", no sentido medieval da palavra – a simbólica condenação à morte dos referidos traidores. Este ritual, sem motivo aparente, não tem outro objetivo se não "recarregar", magneticamente e psi-

quicamente, a Egrégora da Obediência, a alma, oculta e invisível que verdadeiramente anima e vivifica, mesmo reagindo automaticamente, e sem a qual seria necessário realizar a cerimônia contra os falsos companheiros uma vez mais.

Isto explica porque traidores, maus irmãos, perjuradores das Obrigações, ocasionalmente os adversários da Franco-Maçonaria, tiveram todos um fim trágico, mesmo sem intervenção humana direta! Ligados antecipadamente a este destino, por um voto muito claro, livremente aceitaram a sorte que os esperaria caso viessem a trair, e estão, por esta razão, expostos às forças vingativas da Egrégora. E se, pelo seu comportamento, eles se expõe a essa lei inexorável, eles despertam automaticamente o choque de retorno, de vingança e punição. Essa é a razão de existir dos "ritos de vingança" e seus motivos ocultos (AMBELAIN, op. cit).

Sobre os Graus ditos de "Templo", podemos dizer que eles constituíam aquilo que convém se chamar de "altos graus". Os Rituais dos "Grandes-Arquitetos" e dos "Grandes-Eleitos de Zorobabel" conservam ainda os emblemas e o simbolismo maçônico (aventais, cordões, joias, a própria forma da ritualística, etc...). Mas seus catecismos transportam o Candidato para o pleno esoterismo místico, e mais especialmente no da Doutrina Geral (RAMOS, op.cit).

Ao grau de "Grande-Arquiteto", o Irmão necessitava purificar-se por meio de um específico regime ascético da Ordem (abstinência de certas carnes, de certas partes de animais autorizados, de gorduras, etc... no espírito do Antigo Testamento – regime dos levitas). Era sua missão expelir os Poderes das Trevas, os quais haviam invadido a aura terrestre, por suas cerimônias mágicas efetuadas em grupo, ou separadamente; e cooperar "simpaticamente", e sob uma forma especial, com aquelas Operações especiais efetuada pelo "Mestre Soberano" em pessoa. Este grande estado era equivalente ao de Réau+Croix, este era

o papel devolvido aos "Cavaleiros do Oriente", definido pelos arquivos recolhidos por Papus⁵ (VIVENZA, 2006).

O grau seguinte, "Grande-Eleito de Zorobabel" (ou "Comendador do Oriente"), era equivalente ao "Companheiro Reau+Croix". Como todos os graus de Companheiro de vários "regimes" maçônicos, era tanto neutro como ambíguo, mal definido, mas pleno de mistério e de enigmas em sua ritualística. É um Grau no qual o equivalente Cohen se baseava sobre a lenda de Zorobabel, explicada em um nível superior. Estava relacionada com uma ponte, análoga à erigida sobre o Rio Céfiso, a qual os iniciados deviam atravessar no retorno de Elêusis (CAILLET, 2011).

Neste grau, o afiliado tinha uma trégua das "Operações" cerimoniais. Ele se recolhia, meditava por certo período, retornava às suas teorias fundamentais, e se preparava, através de um tipo de introspecção (verdadeira acumulação, restrição psíquica), à sua futura ordenação de Reau+Croix.

A "Classe Secreta" era a dos Réau+Croix. Ela compreendia, segundo dizem todos os historiadores da Ordem, (BAADER, op.cit) somente um grau. Mas certos comentários abreviados que encontramos nas cartas de Louis-Claude de Saint-Martin, na época em que ele era secretário do Mestre, (em lugar de P. Bullet, já desaparecido), fazem-nos acreditar que esta classe compreendia dois graus: Em efeito, é um grau abreviado em duas letras: G. R., do qual fala Saint-Martin em algumas cartas. E isto nos faz questionar se talvez atrás do grau secreto de Reau+Croix, teria existido outro ainda mais secreto chamado "Grande Réau+Croix" ou "Grande Réau" (G. R.) (AMBELAIN, op.cit).

O propósito desta classe, por seus ensinamentos esotéricos, era o de colocar os dignitários em comunhão com os mundos do Além, aqueles dos Poderes Celestes, isto feito pelas Evocações da Alta Magia. Enquanto o grau de "Grande-Arquiteto" ensinava a expelir os Poderes Demoníacos da aura da Terra por

meio de exorcismos mágicos, o grau de "Réau+Croix" ensinava os meios de se evocar as Potências Celestes, e de lhes atrair "simpaticamente" para esta mesma aura terrestre. Mais além, elas permitiam, ao Réau+Croix, por suas manifestações (auditivas ou visuais) aparentes, de julgar o grau de progresso que o evocador adquiriu, e de ver se ele se encontrava "reintegrado em seus poderes originais", segundo a expressão do Mestre (BAADER, op.cit).

Os Elus-Cohen tinham em seu Mestre, Martinez de Pasqually, o grande agente responsável pela sua comunicação com o invisível. Segundo os historiadores, eles se reuniam para invocar La Chose ou A Coisa (em tradução literal). Muitos acreditam até hoje que La Chose era uma inteligência planetária, outros dizem que era um ser espiritual chamado Metraton Sarphanim. La Chose quando se manifestava, não precisava de um corpo para sua manifestação; ela materializava-se. Ora, mas para isso precisava de vários elementos Mágicos para facilitar esse processo e dado o poder destas sessões, muitos discípulos de Pasqually cobriam os olhos temendo o fenômeno (JOLY, 1938).

Arthur Edward WAITE (1911, 1922, 1923) apresenta outra escala de graus diferente da sugerida por Ambelain no que se refere aos estudos dos "Sacerdotes Eleitos" ou "Elus Cohen":

Quinto Grau Aprendiz Eleito Cohen: a instrução deste grau divide o conhecimento sobre a existência do Grande Arquiteto do Universo e sobre o princípio da emanação espiritual do homem. Mesmo a Ordem é emanada do Criador e tem sido perpetuada até nossos dias por Adão, de Adão para Noé, de Noé para Melquizedeque, portanto a Abraão, Moisés, Salomão, Zorobabel e Cristo. O sentido desta transmissão dogmática é que sempre tem existido uma Tradição Secreta no mundo, e que sucessivas épocas a tem manifestado com suces-

⁵ Documentos manuscritos recolhidos por Phillippe Encause, filho de Papus, na sede da Gestapo de Paris, em 1944, após a libertação da cidade pelas forças aliadas.

sivas custódias. È com este sentido que a Ordem diz ter o propósito de manter o homem e sua virtude primitiva, com seus poderes espirituais e divinos.

Sexto Grau Companheiro Eleito Cohen: o estudante aprende a Caída do Homem. Ele é passado da perpendicular ao triângulo, ou da união do Primeiro Princípio ao da triplicidade das coisas existentes. O grau de Companheiro tipifica essa transição. Ao Candidato desfazer a Queda, na qual seu próprio espírito se acha submerso.

Sétimo Grau Mestre Eleito Cohen: simbolicamente o Candidato passa do triângulo ao círculo. Trabalha nos círculos de expiação que dizem ser seis, em correspondência com as seis concepções utilizadas pelo Grande Arquiteto na construção do Templo Universal. Se explica o simbolismo do Templo de Salomão. Estimula-se os membros deste Grau a caridade, aos bons exemplos e a todos os deveres da Ordem, para a reintegração de seus princípios individuais, simbolizados no Mercúrio, o Enxofre e o Sal.

Oitavo Grau Grande Mestre Eleito Cohen: o candidato entra no círculo da reconciliação. Estimula-o a abraçar a causa da luta contra o mal sobre a terra, que tenta destruir a Lei divina. Devem ser soldados do Reconciliador, o Cristo. Se adverte o candidato a não ingressar em ordens secretas que pervertem os ensinamentos recebidos. Simbolicamente o candidato tem 33 anos.

Nono Grau Grande Arquiteto ou Cavaleiro do Este: simbolicamente o candidato tem 80 anos. È um Grau de Luz e o Templo se abre com todas as luzes acesas. Existem quatro Guardiões, que representam aos quatro ângulos dos quatro pontos cardeais do céu. Se estudam os mistérios das Tábuas Enoquianas de John Dee.

Décimo Grau Grande Eleito de Zorobabel ou Comandante do Este: o Candidato trabalha sobre a Redenção. È muito pouco do que se pode dizer desse Grau.

Décimo Primeiro Grau Cavaleiro Reaux Croix: sem dados. Supõe-se que simboliza a realização de Cristo.

O Ritual Cohen

O Ritual é bastante assemelhado a abertura de loja maçônica simbólica, num diálogo instrutivo entre o Venerável Mestre e os Vigilantes, com sinais, toques e palavras, além de batidas específicas para cada grau. Apesar disso, Martinès de Pasqually, em suas instruções aos seus discípulos alertava categoricamente:

Apenas a precisão da Cerimônia não basta. È necessária uma grande exatidão e santidade, de conduta de vida, uma preparação espiritual feita pela prece, retiro, jejum e meditação... (M. Pasqually, Discurso de Iniciação de um Reau-Croix, Manusc. do Séc. 18. In: AMBELAIN, op.cit).

Martinès de Pasqually entendia que a ascensão do homem só poderia se operar pela Teurgia, ou seja, por um conjunto complexo de práticas ritualísticas, visando obter sua reintegração com a Divindade com intermediação angélica. Para isso salmos eram recitados, nomes divinos, sinais cabalísticos, desenhos em tapetes mágicos ou operativos eram desenhados especificamente para cada tipo de operação (LE FORESTIER, 2003 e 2011).

Caillet (op.cit) descreve detalhadamente os rituais de Aprendiz Simbólico, Companheiro Simbólico, Mestre simbólico, Mestre Elu Cohen, Grande Mestre Elu Cohen, Grand Elu de Zarobabel, Comandante do Oriente e Réau-Croix. Em cada grau, há sempre um procedimento para que todo o material ritualístico, decorativo, as vestes e o próprio templo passavam por rituais de exorcismo, purificação e consagração, individualmente. Letras hebraicas e ou nomes de seres angélicos e divinos são citados em muitas fases do processo.

Ressalta ainda que todos os graus “são iniciá-

ticos, perpetrados e conduzidos unicamente por um Réau-Croix, não se permitindo a transmissão por comunicação". Caillet ressalta também que exigia-se severa disciplina de seus membros, que deveriam realizar rituais diários pela manhã e antes de deitar-se, além de recitar salmos e realizar operações em um "oratório" pessoal e privado, em ambiente restrito, para evocações. Essas cerimônias são chamadas de "Rituais" de Proteção, de Acoplamento à Cadeia Oculta de Apolônio, Diário, de Equinócio, de Evocação dos Anjos, Meditações em Símbolos, dos 22 Nomes, dentre tantas outras fórmulas mágicas usadas.

Pode-se dizer que o uso do ritual e de algumas parafernálias não são essenciais para o sucesso de uma operação chamada de teúrgica, entretanto esse material serve como meios de indução à solenidade e a concentração, o que beneficiaria o operador e todos os presentes. Para ele existia mais um fator importante: tudo o que acontece no mundo físico, possui inevitável repercussão na parte invisível do universo, neste caso, a contraparte astral da terra, que possui a sua própria população e forças atuando sobre si, ambos estão proximamente conectados a cada momento e em cada lugar, as nossas atividades atraem ou repelem os seres desejáveis ou indesejáveis do outro lado.

Um Cohen deveria procurar seguir fielmente três coisas: a primeira, se subtrair a toda e qualquer sociedade secreta que trate e ensine doutrinas contrárias à Lei Espiritual e à Ordem dos Cohen; a segunda afastar-se de todo lugar de profanação ou de prostituição tanto das coisas espirituais como de si mesmo, corporal ou intelectualmente; a terceira jamais esquecer a Ordenação que ele recebeu, observar escrupulosamente a maneira de viver como membro da Ordem.

Ainda devemos destacar que o sistema preconizava Orações para as três Pessoas da Santíssima Trindade, a fim de atrair a Providência Divina. Conjurações para os Anjos e os Santos, para a cooperação do operador com eles, o avanço da Opus Magnus da Reintegração Universal. Exorcismos contra as entidades espirituais demoníacas, a fim de aliviar - e, even-

tualmente, erradicarem - as manifestações do mal e aliviar o seu jugo sobre a humanidade.

Esta combinação de Orações, Conjurações e Exorcismos constituía uma espécie de "CULTO" ou ritual cabalístico que incluía dez diferentes operações, que corresponde aos dez atributos Divino da árvore Sefirótica ou Árvore da Vida: 1 . KETHER - Consagração anual de todas as operações de Deus. 2 . HOCHMAH – Manifestação absoluta do Espírito Santo. 3 . BINAH - Operação para o fortalecimento da fé e da estabilidade no caminho espiritual. 4 . HESSED - Operação de atração do Espírito Santo e aceitação de seus dons. 5 . GUEBURAH - Operações contra ações humanas e as ideologias que os que são contra a Lei Divina. 6 . TIPHERET - Operação contra a guerra. 7 . NETSAH - Operação contra magos negros e seus parceiros espirituais. 8 . HOD - Operação contra demônios. 9 . IESOD - Influência da Providência para a humanidade em geral. 10 . MALKUTH - Exiação na matéria, rumo aos céus.

Regularidade da Transmissão da Ordem Elus Cohen

Ambelain (1946b) faz referência a um manuscrito de sua própria autoria para tentar explicar a regularidade da cadeia de transmissão sucessória desde Pasqually até Lagrèsse. Esta explicação também é encontrada, com variações tanto em Amadou (op.cit) como em Le Forestier (op.ci):

Pensamos que, se falta a regularidade maçônica administrativa à organização Martinista operativa moderna, recriada em 1943 (e isso se pode admitir facilmente), com uma existência legal após 1945, sob o nome de Ordem dos Elus Cohen, ela possui pelo menos uma filiação iniciática regular e incontestável, que se pode provar, desde J. B. Willermoz e, antes dele, Martinez de Pasqually, pelo canal dos Cavaleiros Benfeiteiros da Cidade Santa, e ela possui, ademais, pelos poderes da ordem conferidos a certos de seus altos dignitários pela Igreja Gnóstica, a possibilidade de criar novos Professos e Grandes Professos, isto é, ordenar, em virtude da sucessão apostólica,

mem-bros rigorosamente escolhidos, como aqueles do século 18, e de torná-los Teúrgos, pois não esqueçamos que esta sucessão uniu simultaneamente o Sacerdócio de Melchizedec e o Sacerdócio se-gundo Aarão.

E se, no século 18, a mudança de denominação que o Convento de Lyon de 1778 deu aos Cavaleiros do Templo da Estrita Observância, transformando-os em Cavaleiros Benfeiteiros da Cidade Santa, impondo-lhes uma mística secreta, estranha à maçonaria regular, não lhe fez perder sua regularidade, pode-se então admitir que o mesmo ocorre hoje. Eles realizam então um verdadeiro retorno à forma primitiva, uma verdadeira “peregrinação às origens” ...

Ora, existem certos fatos que, desde a origem do ressurgimento de 1943, vieram confirmar o bem-fundado e o valor (senão a regularidade) desta filiação Willermozista no seio dos Elus Cohen assim reconstituídos:

1. Foi o Irmão Georges Lagrèse que esteve na origem deste renascimento da ordem. Ora, ele era: (a) Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa, membro do Grande Priorado das Gálias (a fotografia de seu Diploma existe em nossos arquivos); b) Cavaleiro do Templo (Rito Primèval Sueco), membro da Grande Loja da Dina-marca; c) Reau-Croix da filiação afirmada por J. Bricaud, e que é infelizmente duvidosa, como explicamos em nosso opúsculo pré-citado; d) Rosa-Cruz do Oriente. Esta Ordem teria estado na origem dos Elus Cohen do século 18 e da Companhia dos Filósofos Incógnitos dessa mesma época.

2. O Doutor Camille Savoire, Grande Prior das Gálias, Prior dos Cavaleiros da Cidade Santa para a França, aceitou, em 1943, desde o ressurgimento da Ordem dos Elus Cohen, o cargo de Grão-Mestre de Honra dessa Ordem. Por ocasião de sua morte, o diploma afirmando esta qualidade foi, com suas demais Cartas e Patentes maçônicas,

depositada nos arquivos do Supremo Conselho do Rito Escocês, na Grande Loja da França.

3. O mesmo doutor Savoire, desde quando soube por Lagrèse do ressurgimento dos Cohen e a utilização (em especial) da filiação dos Cavaleiros Benfeiteiros da Cidade Santa, nos orde-nou que não cometêssemos imprudências (estávamos na época sob ocupação alemã e o governo de Vichy), acrescentando: “Após a Guerra, eu vos regularizarei...” Ele aprovava, assim, nossa designa-ção por Lagrèse.

4. A prova desse derradeiro ponto é dada facilmente se lembrarmos que ele aceitou figurar na declaração oficial da Ordem dos Elus Cohen, feita na Prefeitura de Polícia de Paris, no Setor de Associações, no fim de 1944, como Grão-Mestre de Honra, e que ele contra-assinou nossa designação por Lagrèse, de Grão-Mestre Substituto da Ordem.

5. Ele se empenhou em seguida em constituir ele mesmo, assistido por dois outros Cavaleiros Benfeiteiros da Cidade Santa, em Fevereiro de 1945, uma Loja Escocesa Retificada, de-nominada Arca da Aliança, loja de São João, que deveria servir de base aos graus azuis da ordem dos Elus Cohen. Ele nomeou os oficiais ad vitam e nos designou assim como Venerável vitalício da referida Loja.

6. Ele aceitou o cargo de Venerável de Honra dessa mesma Loja e assistiu a todas as reuniões de 1945 nesta qualidade. Seu colar de Venerável de Honra (azul claro, orlado em prata) lhe foi oferecido pela Loja, e deve atualmente encontrar-se, com as outras lembranças deste ilustre Ma-çom, nos arquivos da Grande Loja da França.

De todas essas coisas, testemunhos manuscritos, documentos oficiais e indiscutíveis, permanecem, sem com isso omitir-se o testemunho oral dos sobreviventes desta época, que tem igualmente o seu valor.

Por todas essas razões, a Ordem dos Elus Cohen, assim reaberta, estima-se autori-

zada a reivindicar, sem com isso negar a validade de outros ramos de espírito diferente, a filiação misteriosa que J. B. Willermoz desejou e chegou a incluir na Ordem Interior dos Cavaleiros Benfei-tores da Cidade Santa.

Conclusão

Trata-se de um ritual de bases maçônicas repleto de ações mágicas, esotéricas, teúrgicas e fômenicas, que se perdeu e foi sistematizado em 1943 por Robert Ambelain. Muitos questionam a validade dessas operações em nossa sociedade outros questionam sua viabilidade prática. Como sistema maçônico, foge a toda a estrutura da maçonaria contemporânea, mantendo apenas algumas semelhanças rituais.

Os defensores da viabilidade desse sistema teúrgico alegam que faltam elementos morais e éticos aos atuais praticantes que não seguem os preceitos fundamentais de Pasqually, tais como a abstinência de álcool, carnes, fumo e um regime celibatário, conjugados as práticas diárias, longas e repetitivas, principalmente as individuais que requerem grandes espaços físicos e reservados.

Outros alegam que existem caminhos mais eficientes, menos exteriores e mais interiores de comunhão divina, a chamada via cardíaca, proposta por Saint-Martin e os martinistas contemporâneos.

Não existem rituais originais disponibilizados. Na maioria dos casos e com o advento das grandes mídias virtuais e a disponibilização desse material na internet, muitos dos seguidores têm usado arquivos virtuais, de fonte e tradução duvidosas, para todos os fins. Acreditamos que com a disponibilização de manuscritos originais, muitas das informações e achismos possam ser corrigidas evitando-se problemas de toda a sorte, quer materiais, autorais, mentais e psicológicos.

Referências Bibliográficas

AMADOU, R. *Les Leçons de Lyon aux Élus Coëns*. Pa-

ris, France: Éditions Dervy, 2011

AMBELAIN, R. *La Franc-maçonnerie occultiste et mystique (1643-1943). Le Martinisme, histoire et doctrine*. Paris: Editions Niclaus, 1946.

(b) *Le Martinisme*. Paris: Editions Niclaus, 1946

Martinez de Pasqually et le Martinisme, Meaux, 1959. Extrait de la revue *L'Initiation*, « Cahiers de Documentation Esotérique Traditionnelle », 33e année, n° 2, juillet-décembre, 1959.

L' Alchimie Spirituelle, Techinique de la Vie Intérieure. Editions Bussier, 2000.

BAADER, F. Von. *Les Enseignements Secrets de Martinez de Pasqually*. Paris: Bibliothec Charcornac, 1900.

CAILLET, S. *Les Sept Sceaux des Élus Coëns*. Paris: Editions Le Mercure Dauphinois, 2011.

CAVALCANTE, S. *Antigos manuscritos: As Origens da Francomaçonaria*, Ediado pelo Autor, João pessoa, PB, 358pp.

DACHEZ, R. *Histoire de la franc-maçonnerie française*. Paris: PUF, 2003.

FAIVRE, A. *L'Ésotérisme au XVIIIº siècle*, Paris: Seghers, 1973.

LE FORESTIER, R. *La Franc-Maçonnerie Templier et Occultiste*. Archè Milano, 2003. 1116 p.

La Franc-Maçonnerie Occultiste au XVIIIº Siècle et l'Ordre des élus Coëns. Archè Milano, 2010.

GALTIER, G. *Maçonnerie Egyptienne Rose-Croix et Neo Chevalerie*. Paris: Editions du Rocher, 1989.

JOLY, A. *Um Mystique Lyonnais et les Secrets de la Franc-maçonnerie*. Paris: Protat, 1938.

MARQUES, A.J. *Introdução ao Pensamento de Saint-Martin e Jacob Boehme*. Sapere Editora, 2013.

RAMOS, W, S. (Ir. Montecristo). *Um Mistério Chamado Dom Martinez de Pasqually*. Campinas: Edições Hermanubis, 2006.

Jean Baptiste Willermoz Ily. Campinas: Edições Hermanubis, 2007.

SCHAUER, L.; CHUQUET, A. *Correspondência Inédita*

*de L-C de Saint-Martin
Chamado O Filósofo Desconhecido e Kirchberger, Ba-
rão de Liebstorf. Editions Des Nombres E L'éclair Sur
L'association Humaine, 1862.*

STEVENSON, D. *As Origens da Maçonaria: o Século
da escócia, 1590-1710.* São Paulo: Madras, 20—.

VIVENZA, J-M. *Le Martinisme – L'enseignement Secret
des Maîtres Martinès de Pasqually, Louis-Claude de
Saint-Martin et Jean-Baptiste Willermoz, fondateur
du Rite Écossais Rectifié.* Paris: Editions Le Mercure
Dauphinois, 2006.

WAITE, A. E. *The secret tradition in Goëtia, The book
of ceremonial magic including the rites and mysteries
of Goëtic theurgy, sorcery and infernal necromancy,
by Arthur Edward Waite.* London: W. Rider & son, ltd.
1911.

_____ *Saint-Martin, the French mystic, and the
story of modern Martinism.* London: W.Rider, 1922.

_____ *The occult sciences: a compendium of
transcendental doctrine and experiment, embracing
an account of magical practices; of secret sciences in
connection with magic; of the professors of magical
arts; and of modern spiritualism, mesmerism and the-
osophy.* London: K. Paul, Trench, Trubner & co. ltd.,
1923.

_____ *The book of ceremonial magic / by Arthur
Edward Waite.* London: Kegan Paul, 2005.

A MAÇONARIA CUBANA VISTA DE PERTO

Autor: *Kennyo Ismail*¹

Resumo

Este artigo apresenta um breve histórico do desenvolvimento maçônico em Cuba, fatos relevantes ocorridos na Maçonaria Cubana nos últimos anos, bem como um panorama de como é e funciona a Maçonaria Cubana, e como visita-la.

Palavras-chave: Maçonaria; História cubana; Grande Loja de Cuba.

Abstract

This article presents a brief history of the Masonic development in Cuba, relevant events in the Cuban Freemasonry in recent years, as well as an overview of how it works and the Cuban Freemasonry, and as to visit it.

Keywords: Freemasonry; Cuban History; Grand Lodge of Cuba.

¹ Kennyo Ismail tem Mestrado em Administração pela EBAPE-FGV, com MBA em Gestão de Marketing pela ESAMC e bacharelado em Administração pela UnB. Shriner, Mestre Instalado, MRA, Past Sumo Sacerdote do Capítulo No. 16 de Maçons do Real Arco do Brasil; Grande Mestre Adjunto dos Maçons Crípticos do Brasil, Cavaleiro Templário do Rito de York e Sacerdote Cavaleiro Templário. Membro da Academia Maçônica de Letras do DF, é também membro das sociedades de pesquisa “Philalethes Society” e “The Masonic Society”. E-mail: kennyoismail@noesquadro.com.br

1. Introdução

Durante três semanas em Cuba em janeiro de 2015, tive contato com uma Maçonaria detentora de características singulares no mundo, resultantes do desenvolvimento histórico da Ordem Maçônica naquele país e, principalmente, pelos últimos 56 anos de regime socialista e suas consequências culturais e socioeconômicas. Minha estadia, que coincidiu com a euforia pelos recentes diálogos diplomáticos entre EUA e Cuba e com a visita da delegação americana à Havana, também proporcionou uma nítida visão da expectativa do povo cubano em voltar a receber turistas americanos em seu território. Com o desenvolvimento de tais diálogos diplomáticos, acredita-se que, em breve, o turismo para Cuba crescerá ainda mais. Hoje, dezenas de milhares dos turistas que visitam Cuba são brasileiros e esse número tenderá a aumentar, entre eles, muitos maçons. O objetivo deste artigo é oferecer um panorama atual da Maçonaria Cubana aos irmãos interessados em conhecê-la, compreendendo um pouco de sua história, funcionamento e particularidades.

2. Breve Resumo Histórico da Maçonaria Cubana

A mais antiga menção a Cuba relacionada à Maçonaria Especulativa está na obra de Findel, “Historia de la Francmasonería”, que relata a nomeação na Grande Loja dos Modernos de um Grão Mestre Provincial para Cuba, entre 1751 e 1754 (FINDEL, 1946). Outra menção posterior é da iniciação de Alexander Cockburn em Havana, em 1763, em uma Loja Militar de número 218 no Registro da Irlanda. Ao que tudo indica, após esse período, no final do Século XVIII, a ilha de Cuba foi alvo de interesse da Maçonaria Francesa, iniciando assim uma disputa entre maçons franceses e ingleses pelo território cubano.

Em 1798 há o registro de quatro Lojas compostas por franceses em Cuba, com cartas emitidas

pelo Grande Oriente de França (TORRES-CUERVAS, 2013, p. 67). No entanto, em 1808, tendo a França invadido a Espanha, os maçons franceses que viviam em Cuba se emigraram para Louisiana, levando com eles suas Lojas. Apenas algumas Lojas mantiveram-se em funcionamento nesse período.

Já em 1820, com o triunfo do movimento liberal na Espanha, as poucas Lojas em funcionamento em Cuba viram a oportunidade de fundarem suas Grandes Lojas. Duas Grandes Lojas surgiram: a Grande Loja Espanhola de Maçons Antigos e Aceitos de York e o Grande Oriente Territorial Espanhol Americano do Rito dos Escocistas. A Grande Loja de York em Cuba surgiu dos esforços de Joel Robert Poinsett, o mesmo responsável pelo surgimento da Grande Loja de York no México, e contou com a simpatia da Grande Loja da Pensilvânia (MARES, 1950). O Grande Oriente dos Escocistas recebeu carta do Grande Oriente de França. Em 1823 as duas organizações tentaram realizar uma união, sem sucesso, visto a queda do regime constitucional espanhol e o retorno do absolutismo. A Maçonaria foi proibida e as duas organizações sucumbiram (VIVANCO, 1958, p. 25).

Apenas em 1857, com o triunfo da União Liberal na Espanha, o ambiente se fez novamente favorável ao surgimento de Lojas Maçônicas no território cubano. Em 1859, já com três Lojas constituídas, os maçons cubanos procuraram Albert Pike, então Sobrenome Grande Comendador do Supremo Conselho da Jurisdição Sul dos Estados Unidos, pedindo seu auxílio para a criação de uma Grande Loja regular, o que foi concretizado em 5 de dezembro de 1859, com a fundação da Grande Loja de Colón, em Santiago de Cuba. No dia 27 do mesmo mês, André Cassard, com a autorização de Albert Pike, fundou, também em Santiago de Cuba, o Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito de Cuba. Os maçons da Grande Loja não digeriram muito bem a fundação do Supremo Conselho em Santiago, sem sua devida consulta, iniciando daí uma rivalidade entre a Grande

Loja e o Supremo Conselho (TORRES-CUERVAS, 2013, p. 79).

Tal rivalidade abriu espaço para o surgimento anteriormente chamaram a atenção da comunidade de uma nova organização maçônica na ilha, o Gran maçônica internacional. Dentre eles, podemos destacar: Oriente de Cuba y las Antillas, que sobreviveu até Outubro de 1868, quando se dissolveu (ALMEIDA, 1883).

Porém, a rivalidade entre a Grande Loja e o Supremo Conselho somente teve fim em 1875, a partir das decisões tomadas na Conferência Mundial dos Supremos Conselhos, em Lausanne, na Suíça. O lema maçônico francês, “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, eminentemente político, foi então substituído pelo lema maçônico inglês e americano, de “Amor Fraternal, Socorro e Verdade”, eminentemente filantrópico-fraternal.

Com uma maior concentração de Lojas na Capital, iniciou-se um movimento para a transferência da Grande Loja para Havana, sonho então realizado em 1877. Porém, um grupo de maçons de Santiago de Cuba, discordantes da decisão, mantiveram uma Grande Loja em Santiago. Alguns anos depois, em 1880, os maçons cubanos conseguiram promover a fusão dessas duas Grandes Lojas, culminando na Grande Loja Unida de Colón e Ilha de Cuba. Um ano depois, essa organização, que unificou a Maçonaria Azul em Cuba, contava com mais de 70 Lojas e dezenas de tratados de reconhecimento (TORRES-CUERVAS, 1993).

A Grande Loja Unida de Colón e Ilha de Cuba, após a independência de Cuba, passou então a se chamar Grande Loja de Cuba, adotando a data de 5 de Dezembro de 1859, quando da fundação da Grande Loja com o auxílio de Albert Pike, como data oficial de sua fundação. Atualmente, com quase 30 mil membros e mais de 300 Lojas, possui reconhecimento de toda a comunidade maçônica regular no mundo (LIST OF LODGES, 2014).

Alguns fatos ocorridos na Maçonaria Cubana

3.1. A Grande Loja de Cuba no Exterior

Em 1984, muitos maçons cubanos vivendo em Miami se reuniram para fundar a Grande Loja de Cuba no Exterior, cuja finalidade era de abrigar as Lojas que, nas últimas décadas, haviam sido formadas por cubanos emigrados. Trabalhando com as cerimônias, costumes e regras da Grande Loja de Cuba original, essa Grande Loja, por estar trabalhando no território da Grande Loja da Flórida, não obteve qualquer reconhecimento.

Em outubro de 2013, o atual Grão Mestre da Grande Loja de Cuba, Evaristo Ruben Gutiérrez Torres, após diálogo com os dirigentes da Grande Loja de Cuba no Exterior, propôs à Grande Loja da Flórida um tratado de “jurisdição funcional”, de forma que essa Grande Loja de Cuba no Exterior, mudando seu nome para Grande Loja Unida de Cubanos no Exterior, pudesse trabalhar de forma regular e reconhecida, como uma espécie de Grande Loja Distrital da Grande Loja de Cuba, similar às Grandes Lojas Distritais da Grande Loja Unida da Inglaterra (GRAN LOGIA DE CUBA, 2013). O pedido foi negado.

3.2. Expulsão de um Grão Mestre

Um Grão-Mestre que era espião, ou, dependendo do ponto de vista, um espião que era Grão-Mestre: José Manuel Collera Vento, cardiologista infantil, conhecido pelo serviço de inteligência cubano como “agente Gerardo”. Tendo sido exposto em rede nacional de televisão como um herói nacional, Collera, enquanto Grão-Mestre, era também um agente

da inteligência cubana, e manteve contato com dissidentes cubanos nos EUA, em especial na Flórida e New Jersey, que eram maçons. Passando-se por sim-pático ao movimento dissidente, Collera utilizava de sua posição como Grão-Mestre para coletar informações dos “irmãos em exílio” e transmiti-las ao órgão cubano de segurança nacional. Para tanto, realizava visita a Lojas de cubanos em Miami, as quais não detinham reconhecimento, nem da Grande Loja de Cuba, nem da Grande Loja da Flórida. Por conta disso, em 2010 foi expulso da Grande Loja de Cuba por per-júrio, traição e relações com Maçonaria irregular.

Um dos resultados obtidos por Collera enquanto fazia jogo duplo de Grão Mestre e espião foi um contato com Alan Gross, que, ao que tudo indica, acreditava estar se encontrando em Havana com um líder maçom contrário ao sistema político cubano. Gross era funcionário de uma agência americana que tinha por objetivo fornecer meios de comunicação a dissidentes internos em Cuba. O encontro com Collera colocou-o no radar da inteligência cubana, resultando em sua prisão, em 2009. Collera foi uma das testemunhas de acusação no julgamento que condenou Gross à prisão cubana, em 2011. Gross foi libertado em Dezembro de 2014, após uma longa negociação de troca pelos cinco prisioneiros cubanos nos EUA, considerados heróis em Cuba. Apesar de a troca ter ocorrido no mesmo dia, ambos os governos declararam que não se tratava de uma troca e que as liberações ocorreram por razões alheias.

4. Relato Pessoal

4.1. A Grande Loja de Cuba

A sede da Grande Loja de Cuba situa-se à Avenida Salvador Allende, anteriormente chamada de Carlos III, no coração de Havana. Um prédio imponente, de 11 andares, que possui em seu ápice um gigantesco globo terrestre coroado com o esquadro e o compasso, foi inaugurado em 1955, mas teve na

década de 60 a maioria de seus andares desapropriados da pelo governo cubano em nome dos “melhores interesses do Estado”. Não obstante, a Grande Loja, apertada nos 30% que lhe restou de seu próprio edifício, seguiu sua trajetória em prol da sociedade, dedicando boa parte de seu espaço a uma biblioteca pública com mais de 45 mil publicações e um museu maçônico.

A realidade do mobiliário da Grande Loja de Cuba não difere do verificado nos imóveis particulares de Havana e até mesmo em alguns órgãos públicos. Os mesmos móveis originais de quando da inauguração, na década de 50, sobrevivem sob o cuidado zeloso dos maçons que compõem a administração da Grande Loja. Aqueles utensílios mais delicados, como cortinas e forro do teto, infelizmente apresentam elevado grau de deterioração.

Entretanto, a situação material da Grande Loja, que evidencia certo requinte e orgulho de outrora, em nada prejudica a recepção fraterna e calorosa dos maçons ali presentes, após a devida verificação do reconhecimento do visitante. Na ocasião, fui recepcionado pelo Grão Mestre Adjunto, Grande Secretário, Grande Orador e pelo Presidente da Comissão de Relações Exteriores. Após alguns minutos de diálogo, fui convidado a adentrar ao gabinete do Mui Respeitável Grão Mestre, Evaristo Rubén Gutierrez Torres, que, apesar de ter acabado de chegar de viagem a um evento maçônico no Equador, não hesitou em darm-me as boas vindas.

No saguão de entrada do prédio da Grande Loja de Cuba não há uma recepção, o que dificulta o acesso à informação. Utilize um dos elevadores à direita e dirija-se ao 11º andar, onde funciona a Administração da Grande Loja. Não deixe de levar uma identificação maçônica em que possa ser verificada sua Obediência, sua Loja e se está regular no ano vigente. Outra opção, mais comum, é levar consigo uma carta de apresentação de sua Obediência. Após

a devida verificação no List of Lodges, será emitido um cartão da Grande Secretaria autorizando as Lojas jurisdicionadas a recebê-lo. Daí então você pode aproveitar sua presença no prédio da Grande Loja para fazer um pequeno tour pelo mesmo, conhecendo sua biblioteca e museu (há horários restritos para as visitas), ou mesmo o terraço do prédio, que possui vista privilegiada de toda a cidade.

4.2. As Lojas Simbólicas

Após a visita à Grande Loja de Cuba e com o cartão da Grande Secretaria que avalia sua visitação, você está apto a atender uma reunião sem maiores dificuldades. Há dezenas de Lojas que funcionam no prédio da Grande Loja, tendo reuniões em todos os dias da semana, inclusive domingos, e várias outras em vários bairros de Havana. Há mais de trezentas Lojas em atividade em todo o país.

Há algumas poucas Lojas na Grande Loja de Cuba que trabalham no Rito de York (York mesmo, não Emulação). São Lojas que datam do final do Século XIX, quando os EUA entraram na luta entre a Espanha e os cubanos, fazendo um acordo com a Espanha e assumindo o domínio da ilha de Cuba. A partir daí, a Grande Loja de Cuba permitiu a fundação da Loja "Havana N. 99", formada por maçons norte-americanos e inicialmente trabalhando em inglês. Outras foram a Loja "Island", Loja "Santa Fe" e Loja "Landmark", todas trabalhando no Rito de York.

A maioria das Lojas de Cuba, assim como ocorre em toda a América Latina, trabalha numa versão do Rito Escocês Antigo e Aceito. A diferença mais visível em comparação com o trabalho em uma Loja típica do Brasil que pode ser citada é a presença de duas portas no Ocidente: ao contrário do Brasil, em que no REAA as Lojas têm uma única porta central, nas Lojas do REAA de Cuba há duas portas no Ocidente, como nas Lojas do Rito de York. Isso provavelmente deveu-se à influência americana nos primeiros

anos da Grande Loja.

4.3. Indumentária e Paramentos

Enquanto que no Brasil os maçons adotam oficialmente uma vestimenta mais formal, geralmente terno preto e grava preta com camisa branca, Cuba é similar a alguns Estados dos EUA em que se permite uma vestimenta mais informal. Essa informalidade na vestimenta em Loja permite visualizar algo interessante, que são os maçons adeptos da Santeria, uma religião de origem africana em que seus adeptos devem, em alguns períodos, vestirem-se totalmente de branco.

Já quanto aos aventais e colares, por alguma razão histórica, mesmo as Lojas Simbólicas que praticam o Rito Escocês Antigo e Aceito utilizam aventais e colares típicos do Rito de York, ou seja, orlados em azul escuro, com o Olho da Providência estampado

na abeta. As Lojas costumam disponibilizar aventais para os visitantes. No entanto, os aventais de modo geral são poucos e estão em má situação, muitos deles encardidos, descosturados ou rasgados. Por isso, sugere-se que o visitante leve seu próprio avental.

4.4. Filantropia

Além das atividades filantrópicas desenvolvidas pelas Lojas, a Grande Loja de Cuba, em parceria com o Supremo Conselho do Rito Escocês de Cuba, mantém o Asilo Maçônico Nacional. Fundado em 1886, o Asilo foi criado originalmente para abrigar mendigos. Atualmente, o asilo conta com mais de 90 maçons idosos, viúvas de maçons e familiares, mantendo também um panteão no cemitério de uma cidade fronteiriça para o sepultamento dos abrigados falecidos, quando há o consentimento e a necessidade das famílias. O sustento do asilo é proporcionado por uma parcela da anuidade dos maçons cubanos, além das doações espontâneas realizadas a cada reuni-

nião de cada Loja do país. Não há qualquer apoio estatal e a ausência de OnGs - Organizações Não Governamentais - em Cuba dificulta uma relação mais concreta com apoiadores não maçons.

5. Considerações Finais

Senti-me imensamente feliz em ter podido presenciar uma Maçonaria que, apesar de todas as adversidades, serve de exemplo à Maçonaria Latino-americana no cumprimento dos deveres maçônicos de Fraternidade, Caridade e Verdade. Uma Maçonaria com média de mais de 90 membros por Loja, enquanto que a média na América Latina e Caribe é de aproximadamente 30 membros por Loja. Para se ter uma ideia, uma única Loja em Havana conta com mais de 400 obreiros, ou seja, mais maçons do que se tem em países como Nicarágua, Costa Rica e Panamá. Uma Maçonaria que, mesmo com escassez financeira e material, mantém um Asilo que abriga mais de 90 famílias; uma biblioteca que, provavelmente, tem o maior acervo maçônico da América Latina e Caribe; e uma Academia de Altos Estudos Maçônicos com produção pujante e de qualidade.

6. Referências

ALMEIDA, Aurelio. *El Consultor del Masón: Colección de tratados sobre todas las materias de la Francmasonería*. Vol. I. Madrid: Puente, Godoy y Loureiro, 1883.

ARS QUATUOR CORONATORUM. *By Bro. Dr. Wynn Westcott, on behalf of Bro. F. E. Hamel*. Vol. XIV, Londes, 1901.

DIARIO MASÓNICO. José Manuel Collera Vento alias Agente Gerardo - El "Héroe", ¿era realmente masón?
Link: <http://diariomasonico.blogspot.com.br/2011/04/jose-manuel-collera-vento-alias-agente.html> Acesso em:

21/02/2015.

FINDEL, Joseph Gabriel. *Historia de la Francmasonería*. Havana: Editorial Acacia, 1946.

GRAN LOGIA DE CUBA. *Hogar Nacional Masónico "Llansó"*. Link: <http://www.granlogiacuba.org/asilo/> Acesso em: 22/02/2015.

GRAN LOGIA DE CUBA. *Mensaje N. 6 – A las Potencias Masónicas de Nuestra Amistad*. 2013.

LAS RAZONES DE CUBA. José Manuel Collera Vento. Link: <http://razonesdecuba.cubadebate.cu/categoría/agentes/jose-manuel-collera-vento-gerardo/> Acesso em: 21/02/2015.

LIST OF LODGES. Illinois, USA: Ed. Pantagraph, 2014.

MARES, José Fuentes. *Poinsett, Historia de una gran intriga*. Mexico: Editorial Jus, 1950.

THE JERUSALEM POST. *Cuban document details charges against Alan Gross*. Link: <http://www.jpost.com/Jewish-World/Jewish-News/Cuban-document-details-charges-against-Alan-Gross/> Acesso em: 21/02/2015.

TORRES-CUERVAS, Eduardo. *Historia de la Masonería Cubana: seis ensayos*. Havana: Imagen Contemporânea, 3th Ed., 2013.

TORRES-CUERVAS, Eduardo. *Los Cuerpos Masónicos Cubanos durante el siglo XIX*. In: *V Symposium Internacional de la Historia de la Masonería Espanola*. Cáceres, Espanha, 1993.

VIVANCO, Julián. *José Antonio Miralla, precursor de la independência de Cuba*. Havana: El Sol, 1958, p. 25.

Resenha do Livro:

ISMAIL, Kenyo. *O LÍDER MAÇOM: Como a Maçonaria tem formado líderes nos últimos séculos e colaborado para a felicidade da humanidade*. Londrina: Editora A Trolha, 2014. 144 páginas.

Trata-se da mais nova obra do autor Kenyo Ismail, MSc., MI, MRA, PSS, KT, KTP, HP, GM Adj. dos Maçons Crípticos do Brasil, membro da Academia Maçônica de Letras do DF, da Philalethes Society e da Masonic Society, que anteriormente publicou “Desmistificando a Maçonaria” pela Universo dos Livros (2012).

Esta obra é fruto de um intenso e dedicado esforço de pesquisa. Vejamos aqui o percurso do autor:

Para testar as hipóteses apresentadas, considerou-se a comunidade maçônica no Brasil, somando cerca de 220 mil maçons. Foram consideradas três vertentes maçônicas regulares brasileiras, quais sejam: Grandes Orientes Estaduais federados ao Grande Oriente do Brasil - GOB, Grandes Lojas Estaduais confederadas à Confederação Maçônica Simbólica Brasileira - CMSB, e Grandes Orientes Independentes Estaduais confederados à Confederação Maçônica do Brasil – COMAB.

Um total de 2.769 maçons respondeu a pesquisa. Após um tratamento inicial de limpeza da base de dados, foram considerados válidos para análise um total de 1.571 respondentes, espalhados nas 27 Unidades Federativas da Nação. Em relação aos dados demográficos, a amostra está dividida nas três vertentes maçônicas brasileiras, sendo 43% filiados ao GOB,

36% filiados à CMSB e 21% filiados à COMAB. Em termos de localidade, 42% residem na Região Sudeste, 29% no Sul, 13% no Centro-Oeste, 11% no Nordeste e 5% no Norte. Do total de participantes, 72% possuem mais de 40 anos de idade. Ainda, cerca de 67% dos maçons participantes possuem um mínimo de 5 anos de Maçonaria, sendo que cerca de 46% são membros da instituição há pelo menos 10 anos.

Esses dados, por si só, demonstram a seriedade e o alcance impactante da obra para a comunidade maçônica brasileira, tão carente de obras desse nível, que tem como proposta compreender o comportamento organizacional no meio maçônico.

Além de nos brindar com relevantes citações bibliográficas, 169 ao todo (provavelmente um recorde na literatura maçônica nacional), que nos estimulam a pensar sobre o papel da Ordem na sociedade e o papel do indivíduo na Ordem, temos narrativas históricas como essa:

Ampliar a esfera da felicidade social é o digno projeto benevolente de uma instituição maçônica, e é mais fervorosamente desejado que o comportamento de cada membro da Fraternidade, bem como as publicações que revelam os princípios nos quais eles atuam; tende a convencer a humanidade de que o grande objetivo da

Maçonaria é promover a felicidade da raça humana (Washington's Masonic Correspondence as Found among the Washington Papers in the Library of Congress, SACHSE, 2007, p. 84)

A obra deve ser tornar uma espécie de livro de cabeceira de todos os maçons, independente de rito ou potência. Para justificar essa colocação, peço que leiam com muita atenção esse trecho das conclusões que o autor chega, que demonstra, sem a menor sombra de dúvida, a importância do comportamento ético do maçom:

Os resultados indicam ainda que a liderança ética do Venerável Mestre influencia as ações dos maçons de ajuda ao próximo, seja diretamente ou mediada pela identidade moral dos maçons, a qual também influencia diretamente esse comportamento benévolos dos maçons. Dessa forma, pode-se dizer que o bom Venerável Mestre consegue estimular a iniciativa dos membros de sua Loja em realizar boas ações, ajudando as pessoas, participando de ações filantrópicas ou pequenas atitudes de caridade para com seus semelhantes. E isso também é estimulado pela moral dos membros, a qual também foi impactada positivamente pelo Venerável Mestre.

Preciso falar mais? Não. Basta ler o livro.

Luiz Franklin de Mattos Silva
Editor-Chefe

Notícia:

SENIOR DeMOLAY É EMPOSSADO MEMBRO EFETIVO DO SUPREMO CONSELHO 33

O Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil, em reunião Sols-ticial de Primavera do Sacro Colégio, realizada na tarde do dia 23 de setembro de 2014, realizou a cerimônia de Coroação de três novos Membros Efetivos, Antonio Luiz Corrêa, 33°, Manif Antonio Torres Julio, 33° e Anderson Pinto Verçosa Simões, 33°. O ceremonial aconteceu no Templo Nobre e foi presidida pelo Soberano Grande Comendador, Luiz Fernando Rodrigues Torres.

Dentre os novos Membros Efetivos coroados, Anderson Verçosa se tornou o primeiro Sênior DeMolay no Brasil a ocupar o cargo. Iniciado na Ordem DeMolay em 28 de outubro de 1989, portanto, às vésperas de comemorar 25 anos ininterruptos na instituição, iniciou sua caminhada no Capítulo Rio de Janeiro nº 001, primeiro fundado no Brasil e patrocinado pelo Supremo Conselho do Grau 33. Ocupou os mais diversos cargos na instituição juvenil, chegando a ocupar o cargo de Mestre Conselheiro Nacional na gestão 1995/96.

Dez anos após sua iniciação na Ordem DeMolay, no dia 30 de outubro de 1999, Verçosa iniciou na Maçonaria através da Augusta Respeitável e Benemérita Loja Maçônica Igualdade nº 93, jurisdicionada à Grande Loja Maçônica do Estado do Rio de Janeiro. Tal Loja, assim como o Capítulo DeMolay, então, funcionava nas dependências da sede do Supremo Conselho e



que, também, teve, em suas fileiras, o pai do novo membro efetivo, José Paulo Verçosa Simões. Assim como seu pai, foi Venerável Mestre de sua Loja, no período 2008/09. Durante sua administração, teve a grata alegria de poder realizar o sonho dos Irmãos da Loja igualdade, inaugurando

do o seu Templo próprio.

O jovem Verçosa, aos 40 anos de idade, é o atual Grande Mestre do Grande Conselho Estadual do Rio de Janeiro, e no Supremo Conselho do Rito Escocês, após ser investido no Grau 33º, em 24 de julho de 2008, tendo presidido todos os Altos Corpos Filosóficos, foi coroado Membro Efetivo do Supremo Conselho do Grau 33.

Francisco Feitosa, 33º

Relato de Evento:

York Rite in Pernambuco—2014

A emoção falou mais alto para mais de três centenas de Maçons ao final da recepção da Ordem de Malta, reunidos para o evento York Rite in Pernambuco. O Comandante das Comanderias Subordinadas ao Grand Encampment of Knights Templar, Sir Edward Trosin, quando agradeceu a recepção que receberam, ele e Sir Lawrence E. Tucker, Grand Recorder, declarou que acabara de receber uma comunicação do Mui Eminent Grão-Mestre, Sir KnightDavid Dixon Goodwin, de que tinha sido concedida a dispensa para a Grande Comanderia de Cavaleiros Templários do Brasil!

Este foi apenas um dos muitos momentos do evento de Recife, ocorrido de 20 a 22 de novembro de 2014, que reuniu Maçons das três Potências regulares brasileiras, Grande Oriente do Brasil, Grandes Lojas confederadas à CMSB e Grandes Oritentes confederados à COMAB. Não apenas os segmentos do Rito de York e as Ordens americanas, mas também as Ordens inglesas e representantes de todos os Ritos regulares praticados entre nós congregaram-se para demonstrar sua fraterna união, um bem-vindo contraste com certas atitudes paroquiais e mesquinhias que ainda lamentavelmente ocorrem entre nós. Nomes consagrados da Maçonaria internacional deram lustro ao York Rite in Pernambuco, além dos citados dignitários americanos, como o Grande Secretário do Gran Capítulo de Masones del Real Arco del Rito de York de Paraguay, conhecido e admirado pelos Maçons brasileiros, Odilon Ayala, liderando numerosa delegação. Rui Silvio Straglito e Ticiano Duarte, baluartes entre os Maçons brasileiros, e inúmeros Grão-Mestres e Past Grão-Mestres, também deram a honra de sua presença, a

começar pelo anfitrião, GM Antonio do Carmo Ferreira, e incluindo os GMs Lázaro Emanuel Franco Salles, Ward Gusmão, Paulo Roberto Pithan e Ricardo Guisado, aos quais acrescentamos dezenas de Grandes Oficiais das três Potências e Maçons provenientes de todos os rincões do Brasil.

Este ano, a Ordem dos Sacerdotes Cavaleiros Templários abriu novas perspectivas para Maçons brasileiros das Potências regulares ao ser conferida por seu Grande Superintendente, Jorge Barnsley Pessôa Filho.

Outro momento marcante ocorreu na solenidade de abertura. O Grande Sumo Sacerdote do Supremo Grande Capítulo de Maçons do Real Arco

do Brasil, Luiz Sérgio Rodrigues de Jesus, com a presença do Grande Mestre do Supremo Grande Conselho de Maçons Crípticos do Brasil, André Luiz Pinheiro de Amorim, os altos dignitários dos vários segmentos do Rito de York e da Societas Rosicruciana in Civitatis Foederatis testemunharam a entrega da Silver Medal, medalha conferida àqueles que prestam relevantes serviços ao General Grand Chapter of Royal Arch Masons International, a maior associação maçônica internacional. A honraria tinha sido conferida ao Grande Oficial Executivo do Rito de York para o Brasil, Paulo Roberto Curi, que não pode receber-la na Assembleia Trienal de Buffalo, Nova York, em setembro passado. Para alegria da família, ela foi entregue pelo novo Deputado do General Grand Chapter para a Região Sul da América Latina, Christian Farias Santos.

Muitos outros momentos marcantes e de grande relevância ocorrerem nos poucos dias. Pena é que, por razões de espaço, este breve relato não tenha como fazer justiça aos inúmeros Maçons e pes-

soal de apoio que, ano após ano, têm tornado possível os eventos do Rito de York. Figuras históricas entre nós, é mais que justo homenagear os humildes carregadores de piano, sem os quais nada teria sido feito. A relação é grande, passando pelos Oficiais e Past Oficiais dos Capítulos, Conselhos, Comanderias, Colégios e Tabernáculos, que pagaram o preço do pioneirismo, até aos Grão-Mestres e Past Grão-Mestres, que têm aberto as portas e prestigiado o Rito de York. Sem eles, não teríamos hoje os Corpos do General Grand Chapter (Real Arco), fundado em 1797, do General Grand Council (Graus Crípticos), de 1890, do Grand Encampment (Ordens de Cavalaria), de 1816, da Societas Rosicruciana (estudos maçônicos), de 1880, americanas, e The Holy Royal Arch Knight Templar Priest, antiga Ordem inglesa, mas em sua forma atual desde 1926.

Mesmo que permaneçam quase anônimos nas Colunas, o salto gigantesco que foi dado e a aceitação desses Graus e Ordens tradicionais e regulares no Brasil, é testemunho de sua coragem e abnegação. Que o Rito de York tenha conseguido, em tão pouco tempo, ocupar seu lugar na constelação de Ritos praticados no Brasil demonstra o valor do seu trabalho e constitui-se num tributo à sua capacidade de realização!

Texto originalmente publicado no website
www.realarco.org.br

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

Diretrizes para Autores

A submissão de trabalhos deverá ser feita através da página da revista.

Formato:

Os originais deverão ser apresentados no seguinte formato:

- Arquivo de texto: Microsoft Word,
- Tabelas: coladas como gravura “jpg” ou utilizando a ferramenta detabelas do Word,
- Gráficos e figuras: acrescentadas ao arquivo word como “jpg”, com mínimode 200 dpi,
- Página tamanho A4, margem esquerda e superior de 3cm, direita einferior de 2cm, espaço entre linhas “simples”;
- fonte: Calibri;- texto principal: tamanho 11;
- citação superior a 3 linhas do original: tamanho 9;
- notas de fim: tamanho 9, separado do texto por linha de 5 cm;- parágrafo: 1,25 cm da margem;
- alinhamento: justificação inteira;
- bibliografia: no final do documento, formato conforme ABNT.

Obs.: Permite-se, com a finalidade de facilitar aleitura, a nota de fim. Mas é vedado o uso de nota de rodapé.

Referências Bibliográficas e/ouBibliografia, Citações, Notas de Fim:

A Revista FRATERNITAS IN PRAXIS adota como critério orientador para elaboração das referências bibliográficas dos artigos nela publicados asseguintes formas:

- NBR-6023:2002 - Referências bibliográficas;
- NBR-10520:2002 – Citações;
- NBR-6022:2003 - Artigo em publicação periódica científica.

O não respeito as NBR's no que se refere à apresentação do artigo acarretará na sua imediata devolução para correção por parte do(s) autor(es). Exceção será feita aos autores não brasileiros que não residem no país, cujos textos serão adequados às normas da ABNT acima citadas.

Apresentação dos textos

Estabelece-se, ainda, uma padronização para a apresentação de textos, que deverá seguir o seguinte critério quanto à sua forma:

Título: centrado, todo em maiúsculas, negrito, fonte Calibri,tamanho 14.

Subtítulo: Em linha imediatamente abaixo do título, todo em minúsculas, negrito, fonte Calibri, tamanho 13.

Resumo: em português, justificação inteira, máximo de 100 palavras, fonte Calibri, tamanho 11, não tabulado. Em parágrafo único.

O título “Resumo” deverá ser em negrito, fonte Calibri, tamanho 12, somente primeira letra em maiúscula, não tabulada.

Palavras-chave: em português, à esquerda, justificação inteira, até 4 palavras, fonte Calibri, tamanho 11, não tabulada. O título “Palavras-chave” deverá ser em fonte Calibri, tamanho 12, negrito, somente primeira letra em maiúscula, não tabulada.

Logo abaixo, Resumo em inglês, no mesmo formato do resumo em português. O título “Abstract” terá o mesmo formato do título “Resumo”.

Palavras-chave em inglês seguindo o mesmo formato das em português. O título “Keywords” terá o mesmo formato do título “Palavras-Chave”.

Em seguida, Resumo em espanhol, no mesmo formato do resumo em português.O título “Resumen” terá o mesmo formato do título “Resumo”.

Palavras-chave em espanhol seguindo o mesmo formato das em português. O título “Palabras clave” terá o mesmo formato do título “Palavras-Chave”.

Resumos e Palavras-Chave não serão exigidos de resenhas, relatos de eventos, entrevistas e notícias.

Texto principal do artigo/ensaio/resenha: justificação inteira, parágrafo com tabulação de 1,25 cm, espaço entre linhas simples.

Chamadas dos blocos: sem numerar, somente inicialmaiúscula, Calibri, 12 pontos, negrito.

Páginas enumeradas: no canto inferior direito.

Notas: notas apenas de fim, fonte Calibri, tamanho10, separadas do texto por linha de 5 cm.

Citações: as citações bibliográficas no corpo do texto devem seguir o estipulado pela NBR 10520:2002.

Ao elaborar as Referências Bibliográficas, adotar o critério do itálico para o titulo da obra. Não usar sublinhado. Não usar negrito.

Tamanho do artigo: seguindo os parâmetros anteriormente mencionados, um artigo deve se enquadrar em no mínimo 02 e no máximo 15 páginas, já incluindo as notas de fim e/ou bibliografia.

Importante: o arquivo submetido não deve conter o nome ou qualquer forma de identificação do(s) autor(es). Nem no corpo do artigo, nem nas propriedades do arquivo. Para remover os dados pessoais das propriedades do arquivo, clique com o botão direito sobre o arquivo, vá em “propriedades” e, na aba “Detalhes”, clique em “Remover propriedades e informações pessoais”.



Realização:

Associação
YORK RIO

Apoio:

